

Princípios de Liturgia Icabense

Padre Marcos Martini



Editora Clube dos Autores

Martini, Padre Marcos.

Princípios de Liturgia Icabense / Padre Marcos Martini -
Cascavel, Paraná: Clube dos Autores, 2012.

170 p.

1. Religião. 2. Igreja Católica Apostólica Brasileira.
I. Título.

Nossa capa: Santíssimo Sacramento

Nihil Obstat

*Pe. Geraldo Feltrin
Vigário Geral
Diocese de Foz do Iguaçu
ICAB*

Imprimatur

*Dom Manoel da Rocha Neto
Bispo Diocesano
Diocese de Foz do Iguaçu
ICAB*

Cascavel – Paraná – Julho de 2012

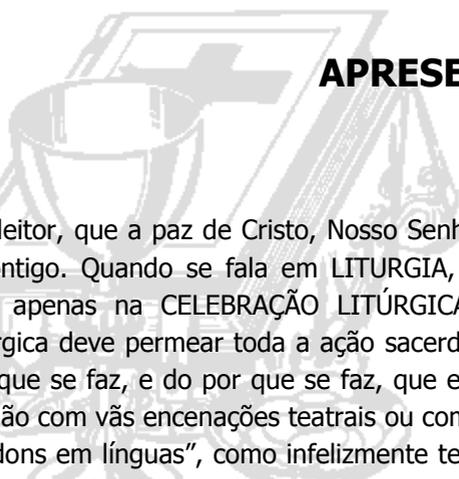


*A Deus seja a honra e a glória,
Agora e para sempre. Amém*

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.	6
INTRODUÇÃO.	8
1. O que é Liturgia.	9
4. Assembleia Litúrgica.	11
5. A história da Liturgia.	14
O ANO LITÚRGICO	19
1. Origem.	19
2. Tempo cósmico e vida humana.	20
3. Simbolismo do ano litúrgico	21
4. Ritmo cósmico do ano litúrgico	22
Resumo do Ano Litúrgico	25
5. As cores do ano litúrgico.	26
AS PARTES DA MISSA.	29
1. Uma história ilustrativa.	29
2. Partes da missa.	30
3. Gestos e expressão corporal.	42
PARAMENTOS E ALFAIAS LITURGICAS	45
Origem histórica dos Paramentos Litúrgicos	45
4. Objetos Utilizados na Celebração da Santa Missa	63
O ESPAÇO CELEBRATIVO	69

1. Onde celebramos nossa fé.	69
2. Um breve histórico.	69
3. O espaço celebrativo	73
4. O espaço para o batismo.	80
5. Capela do Santíssimo Sacramento	81
DICIONÁRIO LITÚRGICO	83
ENCERRAMENTO	98



APRESENTAÇÃO.

Caríssimo leitor, que a paz de Cristo, Nosso Senhor e Salvador, esteja contigo. Quando se fala em LITURGIA, erroneamente pensa-se apenas na CELEBRAÇÃO LITÚRGICA em si. Pelo contrário, a ação litúrgica deve permear toda a ação sacerdotal. É através do conhecimento do que se faz, e do por que se faz, que enriqueceremos nossas celebrações, não com vãs encenações teatrais ou com simulacros, a exemplo de muitos “dons em línguas”, como infelizmente tem se visto nos últimos anos, em diferentes igrejas e denominações, o que parece ter se transformado mais em “isca” para atrair fiéis, do que em ação do Espírito Santo, verdadeira e santificante.

Ao nos propormos, com a graça de Deus e a luz do Espírito Santo, a preparar este pequeno compêndio, a nossa intenção primordial foi a de fornecer aos nossos seminaristas, aos irmãos no sacerdócio, e mesmo àqueles leigos que querem compreender melhor a igreja em que estão inseridos, uma ferramenta com os recursos básicos que lhes permitissem incrementar os conhecimentos já adquiridos pela vivência cristã.

Neste trabalho comentaremos sobre a Celebração Litúrgica e também sobre os diversos paramentos e alfaias necessários para a correta celebração. Um dos nossos maiores pecados hoje em dia é reduzirmos o assunto liturgia à celebração da missa e defini-la apenas como um conjunto de rituais e orações que nos levam ao céu. E tudo isso fruto de uma crescente automação religiosa, que podemos perceber a cada domingo em nossas assembleias litúrgicas. As pessoas vão à missa sem saber o porquê de estarem ali e nem o que está acontecendo perante

elas. São meros espectadores do preceito dominical ensinado por seus pais. Talvez seja por isso que nós católicos sejamos tão criticados por denominações evangélicas, pois muitos de nossos ditos “fiéis” não têm a menor noção do que se está fazendo no altar. Urge àqueles que possuem alguma função eclesíastica a responsabilidade de bem celebrar, para demonstrar, através de atos, gestos, palavras, objetos, etc., a grandeza do Reino que se prega, do Sacrifício que se celebra, da Salvação que se anuncia...

Muito do que está aqui não é de nossa autoria (a maior parte, na verdade), mas sim uma coletânea de textos disponíveis em diversos sites da Internet, livros e textos recebidos de amigos e de colaborações inestimáveis de nosso Bispo Diocesano e demais irmãos no sacerdócio. O que fizemos foi apenas organizá-los de modo a permitir fácil acesso e entendimento.

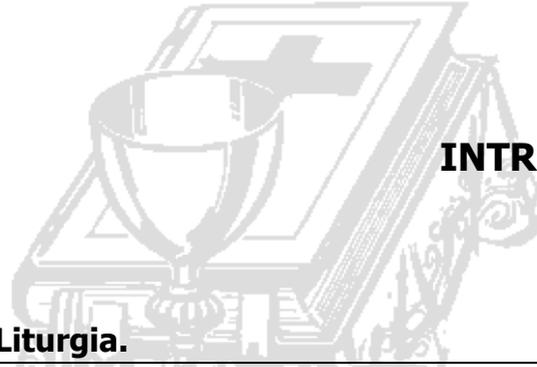
Sabemos que este material contém ainda muitos erros e imprecisões, causados principalmente pelos nossos poucos conhecimentos, pelo que rogamos a todos os leitores desta obra que enviem seus comentários, para que possamos corrigir, ampliar e melhorar sempre.

Agradecemos ao Bom Deus, infinitamente misericordioso, que nos abençoa muito mais do que merecemos e nos permitiu os meios e conhecimentos para o preparo deste trabalho, sua confecção e distribuição. Agradecemos a todos aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, durante todas as fases deste trabalho.

Tudo por Cristo, nada sem Maria.

Cascavel, Julho de 2012.

Padre Marcos Martini



INTRODUÇÃO.

1. O que é Liturgia.

No princípio dos seus Exercícios Espirituais, S. Inácio de Loyola define com poucas palavras o dever do homem para com o seu Criador. ***“O homem foi criado para louvar a Deus, Nosso Senhor, prestar-Lhe reverência e servi-Lo e, fazendo isto, salvar a sua alma. As outras coisas na terra foram criadas por causa do homem e para ajudá-lo na consecução do fim, para o qual foi criado”.***

Estas palavras são uma introdução adequada à liturgia sacra. Pois o homem, criatura de Deus que é, depende Dele completamente; a sua dependência deve-a reconhecer e manifestar. Pela reverência interior reconhece a soberania de Deus sobre a sua alma, fazendo, por exemplo, os atos de fé, esperança e caridade; é o culto interior. Pelo louvor e serviço manifesta os sentimentos de sujeição por meio de sinais sensíveis; é o culto exterior. O homem não está sozinho na terra; há *“outras coisas, criadas por causa dele”.*

“Estas outras coisas são, em primeiro lugar, os outros homens, vivos e mortos; em segundo lugar as criaturas irracionais, vivas e inanimadas. Devem auxiliá-lo na consecução do seu fim; devem, portanto, em ação comum com ele, servir a divina Majestade. Este serviço comum de todas as criaturas é serviço de Deus, é Liturgia, na acepção mais lata,

embora imprópria, porquanto inclui todos os deveres do homem. Nesta disciplina, porém, tornamos a palavra Liturgia no seu sentido próprio, significando um dever especial, o culto direto do Criador, cujos atos abrangemos com o nome de Virtude de Religião.”¹.

A liturgia é a realidade mais viva e a expressão mais eloquente da vida da Igreja. Por intermédio da liturgia, a Igreja enuncia sua identidade reconhecida, sua mesmidade renovada. Na liturgia, a Igreja faz a experiência do seu ser e do seu existir. A liturgia é a própria Igreja em sua mais densa relação simbólica com Deus e com a sua identidade. A liturgia é, e continuará a ser, o símbolo mais rico da vida cristã, a mais original forma de que os crentes dispõem para falar de salvação que nos foi dada, a esperança que nos inunda.

Liturgia é uma palavra da língua grega que quer dizer: Ação do povo, ação em favor do povo. É a ação de um povo, reunido na fé, em comunhão com toda a Igreja, para celebrar o Mistério Pascal – Morte e Ressurreição de Cristo, presente na Assembleia, oferecendo-se ao Pai como culto perfeito.

O termo liturgia, hoje clássico e consagrado pelo magistério solene, é, no entanto, de uso bastante recente no Ocidente: quase não o encontramos nas atas oficiais antes do século XX.

Na Igreja grega, o termo liturgia tem uma aceção restrita e precisa: designa exclusivamente a missa e seus diversos formulários. É verdade que para os autores eclesiais dos primeiros séculos, sobretudo no Novo Testamento e nos Setenta, liturgia significava já de preferência o serviço de Deus, o culto, sem excluir, contudo, sentidos menos precisos como o de sacrifício espiritual ou serviços de caridade.

¹ Curso de Liturgia. Pe. João Batista Reus, S. J. 1942

Antes mesmo de esta palavra ser usada pela Igreja, os gregos a usavam para indicar qualquer trabalho realizado a favor do povo e sempre realizado pelo povo, em forma de mutirão, como temos hoje. Então quando abriam uma estrada, ou construíam uma ponte ou realizavam qualquer trabalho que trouxesse benefício à população, entre os gregos se dizia: realizamos uma liturgia.

Este sentido primeiro da palavra nos ajuda a buscar o que deve ser hoje a LITURGIA CRISTÃ em nossas comunidades, sobretudo depois de séculos de história em que a liturgia ficou reduzida a uma ação realizada por ministros ordenados (bispo, padre...) para o povo. Era uma ação em que o povo não tomava parte, apenas "assistia" como espectador e, muitas vezes, sem compreender o que estava sendo feito.

2. Assembleia Litúrgica.

A Assembleia Litúrgica é um povo convocado por Deus para responder à Sua palavra em atitude de fé. É o corpo de Cristo, sinal visível do grande mistério da Igreja em toda a sua realidade.

Quem convoca a assembleia litúrgica é o próprio Deus. Foi Ele quem escolheu cada um de seus membros², através de um chamado especial³.

O que celebra o povo.

Como toda celebração, a liturgia envolve um grande acontecimento: trata-se de celebrar o **MISTÉRIO PASCAL**. E é este o acontecimento central de nossa fé. Costumamos dizer que liturgia é a

² Jo 15,16

³ Ex 6,7

celebração dos mistérios de Deus. Quando falamos em mistérios de Deus queremos indicar os projetos de Deus que se realizam na pessoa de Jesus Cristo: a redenção e a salvação de todos os homens, a implantação do Reino de Deus no mundo, a participação de todos da vida e da felicidade de Deus. É a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Quando se fala em mistério pascal não se deve pensar somente em Jesus. A páscoa de Jesus está unida à páscoa do povo de Deus. A páscoa é páscoa do Cristo total: cabeça e membros.

O gráfico abaixo é uma representação do plano de salvação de Deus para a humanidade. Vale aqui recordar que o sentido da palavra “salvar” em Teologia significa “unir com Deus”. O gráfico mostra como Deus, após a queda original, age na história da humanidade, até que esta assuma sua plenitude, conforme os planos originais do Pai⁴.



O que faz a liturgia?

A liturgia celebra a páscoa do Senhor e a páscoa do Seu povo. Celebra os sofrimentos, a morte, a ressurreição e glorificação de Jesus; mas celebra também, por um lado, as lutas, as dores, as angústias e a morte do nosso povo, e por outro lado, celebra suas conquistas, alegrias e esperanças em vista de uma sociedade fundada na justiça e na fraternidade.

⁴ I Jo 3,2

Deus organizou um plano, que passa pelos profetas e, por Cristo, chega até nós. E Ele quis o prolongamento deste plano na história dos homens. A liturgia se inscreve na continuidade da Obra de Deus desde a criação até a Parusia - o fim dos tempos, quando na Nova Jerusalém celebramos de um modo perfeito e definitivo a liturgia celeste.

Para unir, reunir e congregar todos os homens em Deus, Cristo permanece presente, atual, vivo, hoje e sempre na celebração litúrgica. Ele é o litúrgico por excelência. É altar e oferenda, vítima e holocausto. Nele encontra-se a plenitude do culto divino. Toda a vida de Cristo é litúrgica e sacerdotal. Está a serviço:

1. **Da glorificação de Deus** (*"Eu te louvo, ó Pai" – Lc 10,21*);
2. **A santificação dos homens** (*"Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" – Jo 8,32*);
3. **Da reconciliação de todos com Deus** (*"Eu não quero a morte do pecador, mas que ele se converta e viva" – Mt 9,13*).

Papel da Liturgia na Vida da Igreja:

A Igreja vive a liturgia, tendo plena consciência que:

1. **É o próprio Deus que envia:**
 - a. Seus profetas;
 - b. Seu Filho Jesus Cristo;
 - c. Seus apóstolos e discípulos;
 - d. Sua Igreja.
2. **E estes são enviados para:**
 - a. Pregar a BOA NOVA;
 - b. Realizar a obra da Salvação;

- c. Oferecer sacrifícios;
- d. Celebrar os sacramentos

Daí é que podemos dizer que a liturgia é a Igreja viva como sacramento, sinal e instrumento de união com Deus e de Salvação dos homens.

A vida da Igreja resume-se no serviço de Cristo que salva. Por isso, a Igreja é sinal, instrumento e sacramento visível de unidade e salvação. Este serviço é de modo especial a liturgia – serviço em favor do povo. Nela a Igreja atualiza o Mistério Pascal do Cristo para a salvação do mundo e louva a Deus em nome de toda a humanidade. A liturgia é o momento culminante da vida da Igreja, da atuação do Espírito Santo e da perseverança do Cristo Glorioso. É a vida da Igreja onde o Cristo se faz presente, realizando a salvação do Seu povo. Liturgia é, portanto, a salvação celebrada atualizada, acontecida e vivida.

3. A história da Liturgia.

Jesus Cristo não deixou nada escrito. Não traçou nenhum ritual de cerimônias religiosas. A grande liturgia de Sua vida foi, de fato, a Sua entrega, na cruz, oferecendo-Se como sacrifício, ao Pai e aos homens. Os apóstolos, porém, assistidos pelo Espírito Santo, organizaram as primeiras comunidades e criaram maneiras novas para o culto das mesmas. Tudo foi sendo feito conforme a realidade e necessidade do povo.

A Igreja vai se encarnando, se aculturando, se adaptando conforme as necessidades de cada lugar e de cada época. E isto é bem claro com relação à liturgia. No princípio, os apóstolos, como os primeiros cristãos, continuam frequentando o templo judaico para suas orações. A Igreja, no seu começo, não possuía um culto próprio diferente do culto do

judaísmo. Mas, ao mesmo tempo em que frequentavam o templo, os cristãos iam criando formas próprias de culto. O mesmo vai acontecendo nas casas.

A nossa liturgia tem a sua origem na última ceia de Jesus Cristo com o grupo dos 12 apóstolos. Dela falam os evangelistas Mateus (26,26-28), Marcos (14,22-25) e Lucas (22,19-20) e o apóstolo Paulo (1 Cor 11,23-25): *“Durante a refeição, Jesus tomou o pão e, depois de ter pronunciado a bênção, Ele o partiu; depois, dando-o aos discípulos, disse: Tomai, comei, isto é o Meu corpo. A seguir, tomou uma taça e, depois de ter dado graças, deu-a a eles, dizendo: Bebei dela todos, pois isto é o Meu sangue, o sangue da Aliança, derramado em prol da multidão, para o perdão dos pecados”*. Eles ainda apresentam o pedido de Jesus *“Fazei isto em memória de mim”*.

As primeiras liturgias das comunidades primitivas eram bem celebradas e participativas; conservavam um sabor especial que era a presença viva de Jesus. Celebravam nas casas, entre as famílias.

Os alimentos, os cantos, a música, tudo era parte das pessoas e não algo estranho a elas. A eucaristia era, acima de tudo, a recordação viva do mestre Jesus. E essa recordação era para ser confrontada com a vida pessoal de cada um e com a vida da comunidade. O mais importante em tudo isto era a viva participação de todos: *“Quando estais reunidos, cada um de vós, pode cantar um canto, proferir um ensinamento ou uma revelação... mas que tudo se faça para a edificação”* (1Cor 14,26).

Os primeiros cristãos reunidos para a liturgia tinham a consciência de que a pregação dos apóstolos era a Palavra de Deus. Após ouvir com atenção a pregação dos apóstolos, eles celebravam a ceia do Senhor. Assim, desde o início, a palavra anunciada antecede à celebração eucarística.

Como as primeiras comunidades celebravam a eucaristia?

Segundo Atos 2, 42-47, eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos e à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. O temor se apoderava de todo mundo: muitos prodígios e sinais se realizavam pelos apóstolos. Todos os que abraçaram a fé, estavam unidos, e tudo partilhavam. Vendiam as suas propriedades e os seus bens para repartir o dinheiro apurado entre todos, segundo as necessidades de cada um. De comum acordo, iam diariamente ao templo, com assiduidade. Partiam o pão em casa, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram favoravelmente aceitos por todo o povo. E o Senhor ajuntava cada dia à comunidade os que encontravam a salvação.

Os primeiros cristãos não apenas celebravam a liturgia, mas viviam a liturgia. Do seu comportamento podemos retirar algumas lições para nós, hoje:

1. Constata-se, em primeiro lugar, uma estreita ligação entre a celebração e a vida deles. A celebração da entrega do Corpo e Sangue do Senhor Jesus era a expressão da doação de suas vidas pelos outros. Todos se preocupavam pelos problemas de todos "um por todos e todos por um".
2. Descobre-se também a presença de uma comunidade ativa por ocasião das celebrações, de onde se tirava força para viver a mensagem libertadora de Jesus Cristo.
3. Denuncia-se ainda a barreira que impede a celebração autêntica: o egoísmo de alguns ricos que se uniam em grupos fechados e marginalizavam os pobres. Aparece a exigência da mudança de vida, para que a eucaristia seja, de fato, sinal e

instrumento de transformação social, para criar verdadeira comunhão e não apenas reunião⁵.

4. Sente-se a ligação entre a missa e Igreja: pela Eucaristia a Igreja se constrói anunciando, denunciando e vivendo Jesus.

O Domingo

O apóstolo João, no livro do Apocalipse, é o primeiro autor sagrado que fala do dia do Senhor: *"Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus. Eu fui arrebatado no Espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta,..."* (. Ap 1,9-10). No final do século I a Didacé também faz menção deste nome: *"Reuni-vos cada dia do Senhor, parti o pão e daí graças depois de haver confessado vossos pecados, a fim de que vosso sacrifício seja puro"*.

Estes mesmo textos citados demonstram que era costume dos apóstolos assistir ao culto sinagoga, continuando logo com uma vigília que se estendia até a madrugada do primeiro dia. Havia, pois, uma justaposição do culto sabático judeu com o nascente culto dominical cristão.

Justino afirma que os cristãos guardavam como dia sagrado a Deus o Domingo, pois foi neste dia que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos: *"Reunimo-nos todos no dia do Sol, não só porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, criou o mundo, mas também porque neste mesmo dia Jesus Cristo, nosso Salvador,*

⁵ 1Cor 11,17-36

⁶ O primeiro dia da semana era denominado de dia de Sol no Império Romano até o século IV.

ressuscitou dos mortos. Crucificaram-no na véspera do dia de Saturno; e no dia seguinte a este, ou seja, no dia do Sol, aparecendo aos seus apóstolos e discípulos, ensinou-lhes tudo o que também nós vos propusemos como digno de consideração”⁷.

⁷ Justino I – Apologia Cap. 66-67



O ANO LITÚRGICO

1. Origem.

Nos inícios da Igreja, todo Domingo era dia de Páscoa. Os cristãos se reuniam para celebrar a ressurreição de Jesus. Aos poucos, os cristãos foram percebendo que o Mistério Pascal de Jesus está presente no mistério da vida de todos os dias. Cristo continua nascendo, vivendo, morrendo e ressuscitando na vida da Igreja. Não era mais possível recordar tudo isso num só Domingo. Foi por isso que surgiu o que hoje conhecemos por ANO LITÚRGICO, ou ANO ECLESIÁSTICO.

A Igreja percebeu que era melhor celebrar os mistérios da vida de Cristo ao longo do ano. Este ano não coincide com o ano civil, que começa no dia primeiro de janeiro e termina em trinta e um de dezembro.

O ano litúrgico começa no Advento, passa pelo Natal e pela Epifania, continua na Quaresma, Semana Santa e Páscoa, atravessa a Ascensão e Pentecostes e termina com o tempo Acíclico, na festa de Cristo Rei. Ao longo deste ano são recordados os principais fatos e ensinamentos da vida de Cristo.

Dentro do ano eclesiástico, temos as festas móveis e imóveis. Imóveis são as festas que caem sempre no mesmo dia do mês (por exemplo: o Natal é comemorado sempre no dia 25 de dezembro). Já as festas móveis são reguladas pela Páscoa (por exemplo: Pentecostes é

celebrada 50 dias depois da Páscoa). A própria Páscoa, inclusive, também é uma festa móvel, visto que cai sempre no domingo depois da 1ª lua cheia do mês de março.

As festas maiores são precedidas de uma comemoração de *véspera (vigília)*, e algumas são seguidas de um *oitavário comemorativo (oitava)*. As duas festas culminantes de nosso Senhor Jesus Cristo – **NATAL e PÁSCOA** – são precedidas de uma preparação maior e seguidas de uma comemoração mais prolongada, e formam duas grandes épocas ou ciclos litúrgicos.

2. Tempo cósmico e vida humana.

Como sabemos, a comunidade humana vive no tempo, sempre em harmonia com o ano natural ou cósmico, com as mudanças básicas e salutares das quatro estações climáticas. Estas como que dinamizam a vida humana, quebrando-lhe toda possível rotina existencial. A pessoa é, pois, chamada a viver toda a riqueza natural da própria estação cósmica. Na organização da sociedade humana, o ano cósmico é chamado ano calendário ou ano civil. Nele, as pessoas, em consenso universal, desenvolvem as tarefas da atividade humana.

Como a vida humana, no seu aspecto natural, se desenvolve no clima salutar do ano cósmico, assim também a vida cristã, na plena comunhão com Deus, vai viver o projeto do Senhor numa dinâmica litúrgica própria de um ano específico, chamado, como vimos, Ano Litúrgico.

O Ano Litúrgico não deve, porém, ser visto como um concorrente do ano civil, porque, mesmo este, é um dom do Criador. Deus, inserindo-se no tempo, através de Cristo, pela Encarnação, santificou ainda mais o tempo. Por isso, todo o tempo se torna também tempo de salvação.

3. Simbolismo do ano litúrgico

O Ano Litúrgico tem no círculo a sua simbologia mais expressiva, pois o círculo é imagem do eterno, do infinito. Notamos isso, olhando uma circunferência. Ela não tem começo nem fim, pois, nela, o fim é um retorno ao começo. Não, porém, um retorno exaustivo, rotineiro, mas verdadeiramente um começo sempre novo, de vitalidade essencial.



O círculo é, pois, imagem da vida eterna, e a vida eterna, como sabemos, não clama por progresso, visto não existir na eternidade carência, de forma alguma. A vida eterna permanece em constante plenitude.

4. Ritmo cósmico do ano litúrgico

Como se sabe, o ano civil está inteiramente identificado com o ciclo solar, regendo-se pelos ditames das quatro estações, mas marcado também pelo movimento lunar, onde se contam as semanas. Ano, mês e dia, como frações do tempo, aqui se harmonizam, no desenvolvimento da vida humana.

Na datação cósmica do Ano Litúrgico, seguindo a tradição judaica, os cristãos, no Hemisfério Norte, vão escolher, para a celebração anual da Páscoa, o equinócio da primavera, por este ser ponto de equilíbrio, de harmonia, de duração igual da noite e do dia, de equiparação, pois, entre horas de luz e horas de escuridão, momento de surgimento de vida nova na natureza e de renascimento da vida. Além da estação das flores, no Hemisfério Norte há ainda o simbolismo suplementar da lua cheia, dando a entender que, na ressurreição de Cristo, o dia tem vinte e quatro horas de luz.

No Hemisfério Sul, onde vivemos, não estaremos, contudo celebrando a Páscoa na primavera, mas no outono, dada a inversão do equinócio nos dois hemisférios. Daí, a polêmica entre estudiosos da liturgia, os quais reclamam uma data universal, fixa, para a Páscoa, não levando em conta a situação lunar, mas a solar. Acreditamos que esta é uma discussão desnecessária, visto ser simbólica.

A Igreja, hoje, celebra a Páscoa não no dia quatorze do mês de Nisã, isto é, na data da páscoa judaica, como celebravam os cristãos da Ásia Menor e da Síria, mas no domingo seguinte, acabando assim com a controvérsia pascal do século segundo, por determinação do Concílio de Nicéia, em 325 dC.

Mesmo sem uma data fixa de início, qualquer pessoa pode saber quando vai ter início o Ano Litúrgico, pois ele se inicia sempre no domingo mais próximo de 30 de novembro. Na prática, o domingo que cai entre os dias 27 de novembro e 3 de dezembro.

Tendo como centro o Mistério Pascal de Cristo, todo o Ano Litúrgico é dinamismo de salvação, onde a redenção operada por Deus, através de Jesus Cristo, no Espírito Santo, deve ser viva realidade em nossas vidas, pois o Ano Litúrgico nos propicia uma experiência mais viva do amor de Deus, enquanto nos mergulha no mistério de Cristo e de seu amor sem limites.

Em resumo, o ano eclesiástico ou litúrgico é dividido em dois grandes ciclos: o do NATAL e o da PÁSCOA, subdivididos em TEMPOS:

I – CICLO DO NATAL

TEMPOS:

ADVENTO (Roxo)

A preparação para o Natal ou a vinda do Senhor é o Advento, com o qual começa o ano eclesiástico. Abrange 4 semanas antes do Natal. Inicia obrigatoriamente entre os dias 27 de novembro e 03 de dezembro, inclusive.

NATAL (Branco)

Começa com a Missa do galo. É um período de 40 dias, entre 25 de dezembro e 02 de fevereiro.

PERÍODO ACÍCLICO – 1ª Parte (Verde)

Tem início com o Batismo de Jesus, comemorado no 1º domingo depois da Epifania e vai até o 6º domingo depois da epifania.

II – CICLO DA PÁSCOA

SEPTUAGÉSIMA (Roxo)

Abrangem as três semanas anteriores à Quaresma e faz parte da preparação para a Páscoa. Neste tempo, suprimimos o “Glória” e o “Aleluia”.

QUARESMA (Roxo)

Inicia-se na Quarta-feira de Cinzas e vai até a Sexta-feira Santa.

TEMPO PASCAL (Branco)

Inicia-se no Sábado Santo e vai até o Domingo de Pentecostes.

PERÍODO ACÍCLICO – 2ª Parte (Verde)

ou Tempo depois de Pentecostes.

Vai do 1º Domingo depois de Pentecostes até o último Domingo antes do Advento.

Existem ainda outras festas e solenidades que fazem parte do Missal Brasileiro, dedicadas a Nossa Senhora, a Jesus Cristo, aos Santos e Santas e conforme ocasiões especificadas.

Representamos a seguir um quadro, onde resumimos o ano litúrgico, dando o início e o término de cada período, bem como suas cores e espiritualidade.

RESUMO DO ANO LITÚRGICO

<u>Ciclo do Natal</u>	<u>Advento:</u>	Início: ✓ 4 domingos antes do Natal. Término: ✓ 24 de dezembro à tarde. Espiritualidade: ✓ Esperança e Purificação da vida. Ensinamento: ✓ Anuncio da vinda do Messias. Cor: ✓ Roxa.
	<u>Natal.</u>	Início: ✓ 25 de dezembro. Término: ✓ Na festa do Batismo de Jesus. Espiritualidade: ✓ Fé, alegria e acolhimento. Ensinamento: ✓ O filho de Deus se Fez Homem. Cor: ✓ Branca
	<u>Período Acíclico (1ª parte).</u>	Início: ✓ 2ª Feira Após Batismo de Jesus. Término: ✓ Véspera da 4ª feira de cinzas. Espiritualidade: ✓ Esperança e escuta da Palavra. Ensinamento: ✓ Anúncio do Reino de Deus. Cor: ✓ Verde.
<u>Ciclo da Páscoa.</u>	<u>Quaresma</u>	Início: ✓ Domingo da Septuagésima. Término: ✓ 4ª feira da Semana Santa. Espiritualidade: ✓ Penitência e conversão. Ensinamento: ✓ A misericórdia de Deus. Cor: ✓ Roxa.
	<u>Páscoa</u>	Início: ✓ 5ª feira Santa (Tríduo Pascal) Término: ✓ No Pentecostes. Espiritualidade: ✓ Alegria em Cristo Ressuscitado. Ensinamento: ✓ Ressurreição e vida eterna. Cor: ✓ Branca.
	<u>Período Acíclico (2ª parte).</u>	Início: ✓ 2ª feira após o Pentecostes. Término: ✓ Véspera do 1º Domingo do Advento Espiritualidade: ✓ Vivencia do Reino de Deus. Ensinamento: ✓ Os Cristãos são o sinal do Reino. Cor: ✓ Verde.

5. As cores do ano litúrgico.

Como a liturgia é ação simbólica, também as cores nela exercem um papel de vital importância, respeitadas a cultura de nosso povo, os costumes e a tradição. A cor diz respeito aos paramentos do celebrante, à toalha do altar e do ambão e a outros símbolos litúrgicos da celebração. Pode-se, pois, assim descrevê-la:

1) Cor roxa

Usa-se: No Advento, na Quaresma, na Semana Santa (até Quinta-Feira Santa de manhã), e na celebração de Finados, como também nas exéquias.

2) Cor branca

Usa-se: Na solenidade do Natal, no Tempo do Natal, na Quinta-Feira Santa, na Vigília Pascal do Sábado Santo, nas festas do Senhor e na celebração dos santos. Também no Tempo Pascal é predominante a cor branca.

3) Cor vermelha

Usa-se: No Domingo da Paixão e de Ramos, na Sexta-Feira da Paixão, no Domingo de Pentecostes e na celebração dos mártires, apóstolos e evangelistas.

4) Cor rosa

Pode-se usar: No terceiro Domingo do Advento (chamado "Gaudete") e no quarto Domingo da Quaresma (chamado "Laetare"). Esses dois domingos são classificados, na liturgia, de "domingos da alegria", por causa do tom jubiloso de seus textos.

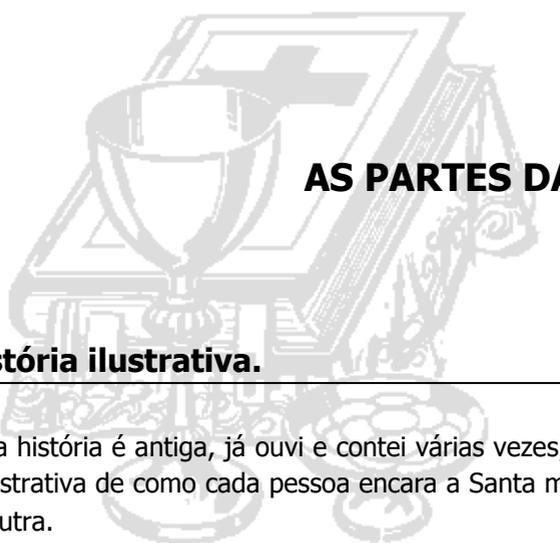
5) Cor preta

Pode-se usar na celebração de Finados.

6) Cor verde

Usa-se: Em todo o Tempo Acíclico, exceto nas festas do Senhor nele celebradas, quando a cor litúrgica é o branco.

Nota explicativa: Se uma festa ou solenidade tomar o lugar da celebração do tempo litúrgico, usa-se então a cor litúrgica da festa ou solenidade. Exemplo: em oito de dezembro, celebra-se a Solenidade da Imaculada Conceição. Neste caso, a cor litúrgica é então o branco, e não o roxo do Advento. Este mesmo critério também é aplicável para a celebração dos dias de semana.



AS PARTES DA MISSA.

1. Uma história ilustrativa.

Esta história é antiga, já ouvi e contei várias vezes, mas é muito ilustrativa de como cada pessoa encara a Santa missa de modo diferente de outra.

Certa ocasião, numa cidade do interior, o bispo da diocese fora visitar as obras de construção de uma Igreja. Ele então viu vários operários carregando tijolos de um lado para outro e resolveu conversar com alguns deles:

- O que você está fazendo?

E o primeiro responde-lhe:

- Carrego tijolos.

O segundo, feita a mesma pergunta, responde:

- Estou garantindo o leite de meus filhos.

Fazendo a mesma pergunta a um terceiro operário, este responde ao bispo:

- Estou ajudando a construir uma igreja, aonde as pessoas virão agradecer a Deus por tudo que ele faz em suas vidas.

Três pessoas, a mesma ação. E para cada uma delas a ação tinha um sentido diferente. É o mesmo que ocorre com a missa. Para alguns, não há sentido, pois fazem seus atos sem ter consciência deles. Outros têm uma visão muito individualista do que fazem, e por fim há os que enxergam o todo da realidade em que participam, fazendo seus atos terem um sentido total.

Vale a pena ainda lembrar que, ao tornarmos presente o sacrifício de Cristo não quer dizer que estejamos novamente sacrificando o Cristo. Partindo do princípio que a salvação de Cristo não se prende à nossa visão de presente, passado e futuro, mas coloca-se no nível da eternidade, podemos afirmar que Cristo ao morrer na cruz salva todos os homens em todos os tempos, e a cada instante. É como se em cada missa, você estivesse aos pés da cruz contemplando o mistério da redenção da humanidade. E é o que acontece em cada missa, em cada eucaristia celebrada, que é a mesma eucaristia celebrada por Cristo na Santa Ceia e continuamente celebrada. E aí está o amor de Cristo ao dar-Se na Eucaristia, em forma de alimento.

2. Partes da missa.

Outrora, a missa não possuía este nome, mas era chamada de ceia do Senhor ou Eucaristia. De fato, a missa é uma ceia onde nos encontramos com os irmãos para juntos alimentarmo-nos do próprio Deus, que Se dá em alimento por Sua Palavra e pelo pão e o vinho. E a missa também é eucaristia. O que vem a ser isso?

Eucaristia significa ação de graças. No capítulo 24 do livro do Gênesis, vemos um exemplo de ação de graças. Após a morte de sua esposa Sara, Abraão pede ao seu servo mais antigo que procure uma esposa para seu filho Isaac. O servo parte em busca desta mulher, mas como iria reconhecê-la? Pede a Deus um sinal e o servo a reconhece quando uma bela jovem dá de beber de seu cântaro ao servo e seus camelos. E qual sua reação após este fato? *"O servo inclinou-se diante do Senhor. Bendito seja, exclamou ele, o Deus de Abraão, meu senhor, que não faltou à sua bondade e à sua fidelidade. Ele conduziu-me diretamente à casa dos parentes de meu Senhor"*⁸. Eis aqui uma ação de graças.

Quais os seus elementos que vemos nesta passagem? Temos antes de tudo um fato maravilhoso, uma bênção, um benefício, uma graça alcançada, manifestação da bondade de Deus. Depois, a admiração. O servo inclina-se diante do Senhor. Esta admiração manifesta-se pela aclamação: *"Ele não faltou à sua bondade e à sua fidelidade"*. Proclama, então, o fato, narra o acontecimento, o benefício, a bênção recebida. Todos estes elementos encontram-se no contexto da missa, como veremos adiante.

Ao final da missa, após a bênção final, o sacerdote ou diácono despede o povo, numa saudação originalmente em latim: *"Ite, Missa est"*, e esta saudação é que acabou por dar o nome a toda a celebração. Traduzindo-se para o português, soa algo como *"Ide, tendes uma bênção e uma missão a cumprir"*, pois em latim, missa significa missão ou demissão, como também pode significar bênção. Nesse sentido, eucaristia significa bênção, o que não deixa de ser uma realidade, já que através da doação de seu Filho, Deus abençoa toda a humanidade. De posse desta boa graça dada pelo Pai, os cristãos são reenviados ao mundo para que se

⁸ Gn 24,26-27

tornem eucaristia, fonte de bênçãos para o próximo. Desse modo a missa reassume todo seu significado.

O intuito maior é mostrar a missa como algo dinâmico, que não se reduz a apenas uma série de ritos realizados no interior da nossa Igreja; pelo contrário, através da missa tornamos presentes em nós Cristo, e por nós tornamos Cristo presente no mundo. Daí ser a eucaristia fonte da Igreja.

A. Ritos Iniciais

Os ritos iniciais ou as partes que precedem a liturgia da palavra, isto é, **cântico de entrada, saudação, ato penitencial, Glória e oração da coleta**, têm o caráter de exórdio, introdução e preparação. Estes ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembleia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia.

Comentário Inicial:

Este tem por fim introduzir os fiéis ao mistério celebrado. Sua posição correta seria após a saudação do padre, pois ao nos encontrarmos com uma pessoa primeiro a saudamos para depois iniciarmos qualquer atividade com ela.

Canto de Entrada:

Reunido o povo, enquanto o sacerdote entra com os acólitos ou auxiliares, começa o canto de entrada. A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembleia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros.

Durante o canto de entrada percebemos alguns elementos que compõem o início da missa:

a) O canto: durante a missa, todas as músicas fazem parte de cada momento. Através da música participamos da missa cantando. A música não é simplesmente acompanhamento ou trilha musical da celebração: a música é também nossa forma de louvamos a Deus. Daí a importância da participação de toda assembleia durante os cantos.

b) A procissão: o povo de Deus é um povo peregrino, que caminha rumo ao coração do Pai. Todas as procissões têm esse sentido: caminho a se percorrer e objetivo a que se quer chegar.

c) O beijo no altar: durante a missa, o pão e o vinho são consagrados no altar, ou seja, é no altar que ocorre o mistério eucarístico. O presidente da celebração ao chegar beija o altar em sinal de carinho e reverência por tão sublime lugar.

Saudação:

a) Sinal da Cruz: o presidente da celebração e a assembleia recordam-se por que estão celebrando a missa. É, sobretudo pela graça de Deus, em resposta ao seu amor. Nenhum motivo particular deve sobrepor-se à gratuidade. Pelo sinal da cruz nos lembramos de que pela cruz de Cristo nos aproximamos da Santíssima Trindade.

b) Saudação: o presidente da celebração e a assembleia se saúdam. O encontro eucarístico é movido unicamente pelo amor de Deus, mas também é encontro com os irmãos.

Ato Penitencial:

Após saudar a assembleia presente, o sacerdote convida toda assembleia a, em um momento de silêncio, reconhecer-se pecadora e

necessitada da misericórdia de Deus. Após o reconhecimento da necessidade da misericórdia divina, o povo a pede em forma de ato de contrição.

Hino de Louvor (Glória):

Espécie de salmo composto pela Igreja, o glória é uma mistura de louvor e súplica, em que a assembleia congregada no Espírito Santo, dirige-se ao Pai e ao Cordeiro. É proclamado nos domingos - exceto os do tempo da quaresma e do advento - e em celebrações especiais, de caráter mais solene.

Oração da Coleta:

Encerra o rito de entrada e introduz a assembleia na celebração do dia. Após o convite do celebrante, todos se conservam em silêncio por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar de "coleta", a qual a assembleia dá o seu assentimento com o "Amém" final. Dentro da oração da coleta podemos perceber os seguintes elementos: invocação, pedido e finalidade.

B. Liturgia da Palavra:

Não existe celebração na liturgia cristã em que não se proclame a Palavra de Deus. Isto porque a Igreja antes de tornar presente os mistérios de Cristo ela os contempla. Pela palavra, Deus convoca e recria o Seu povo, através de uma resposta de conversão da parte de quem a ouve.

A parte principal da Palavra de Deus é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos Cânticos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homilia, a profissão de fé e a oração da paz.

1ª Leitura, Salmo e Evangelho:

Para compreendermos melhor a liturgia da Palavra é necessário distinguir entre a liturgia PAR e ÍMPAR, nos quais a Igreja procura ler toda a Bíblia. O esquema das leituras é o seguinte: Primeira leitura, salmo, aclamação ao Evangelho e evangelho. A primeira leitura e o evangelho tratam geralmente do mesmo assunto, para mostrar Jesus como aquele que leva à plenitude a antiga aliança; o salmo, é uma meditação da leitura, uma espécie de comentário, podendo ser cantado - daí ser insubstituível.

O Evangelho é o ponto alto da liturgia da Palavra. Cristo torna-se presente através de Sua Palavra e da pessoa do sacerdote. Tal momento é revestido de cerimônia, devido sua importância. Todos ficam de pé e aclamam o Cristo que fala. O diácono ou o padre dirigem-se à mesa da palavra para proclamá-la. O que proclama a Palavra do evangelho menciona a presença do Cristo vivo entre nós. Faz o sinal da cruz na testa, na boca e no coração para que todo o ser fique impregnado da mensagem do Evangelho: a mente a acolha, a boca a proclame e o coração a sinta e a viva.

Homilia:

A homilia faz a transição entre a palavra de Deus e sua resposta. É feita exclusivamente por um ministro ordenado, pois este recebeu através da imposição das mãos o dom especial para pregar o Evangelho. A função da homilia é confrontar o mistério celebrado com a vida da comunidade. Na homilia, o sacerdote anima o povo, exorta-o e se for preciso o denuncia, mostrando a distância entre o ideal proposto e a vida concreta do povo.

Profissão de fé:

A profissão de fé consiste na primeira resposta dada à Palavra de Deus. Nela cremos e aderimos, manifestando também nossa fé naquela que possui a incumbência de perpetuar esta palavra: a Igreja Católica.

Possui duas formas, sendo a mais extensa proclamada em solenidades especiais, como o Natal, Anunciação, etc.

Oração da Paz:

Uma vez reconciliados em Cristo, pedimos que a paz se estenda a todas as pessoas, presentes ou não, para que possam viver em plenitude o mistério de Cristo. Pede-se também a Paz para a Igreja, para que, desse modo, possa continuar sua missão. O cumprimento da Paz é um gesto simbólico, representando nosso bem-querer ao próximo. Por ser um gesto simbólico não há a necessidade em sair do local para cumprimentar a todos na Igreja. Se todos tivessem em mente o simbolismo expresso nesse momento não seria necessária a dispersão que o caracteriza na maioria dos casos. Também não é conveniente que se cante durante esse momento, uma vez que deveria durar pouco tempo. A música pode ficar para missas celebradas em pequenos grupos.

C. Liturgia Eucarística:

Na liturgia eucarística atingimos o ponto alto da celebração. Durante ela a Igreja irá tornar presente o sacrifício que Cristo fez para nossa salvação. Não se trata de outro sacrifício, mas sim de trazer à nossa realidade a salvação que Deus nos deu. Durante esta parte a Igreja eleva ao Pai, por Cristo, sua oferta e Cristo dá-se como oferta por nós ao Pai, trazendo-nos graças e bênçãos para nossas vidas.

É durante a liturgia eucarística que podemos entender a missa como uma ceia, pois afinal de contas nela podemos enxergar todos os elementos que compõem uma: temos a mesa - mais propriamente a mesa da Palavra e a mesa do pão. Temos o pão e o vinho, ou seja, o alimento sólido e líquido presentes em qualquer ceia. Tudo conforme o espírito da ceia pascal judaica, em que Cristo instituiu a eucaristia.

E de fato, a Eucaristia no início da Igreja era celebrada em uma ceia fraterna. Porém foram ocorrendo alguns abusos, como Paulo os sinaliza na Primeira Carta aos Coríntios⁹. Aos poucos foi sendo inserida a celebração da palavra de Deus antes da ceia fraterna e da consagração. Já no século II a liturgia da missa apresentava o esquema que possui hoje em dia.

Após essa lembrança de que a missa também é uma ceia, podemos nos questionar sobre o sentido de uma ceia, desde o cafezinho oferecido ao visitante até o mais requintado jantar diplomático. Uma ceia significa, entre outros: festa, encontro, união, amor, comunhão, comemoração, homenagem, amizade, presença, confraternização, diálogo, ou seja, vida. Aplicando esses aspectos a missa, entenderemos o seu significado, principalmente quando vemos que é o próprio Deus que se dá em alimento. Vemos que a missa também é um convívio no Senhor. A liturgia eucarística divide-se em:

Apresentação das Oferendas: Apesar de conhecida como ofertório, esta parte da missa é apenas uma apresentação dos dons que serão ofertados junto com o Cristo durante a consagração.

Durante a apresentação das oferendas, o sacerdote mergulha algumas gotas de água no vinho. E o porquê disso? Sabemos que no tempo de Jesus os judeus bebiam vinho diluído em um pouco de água, e certamente Cristo também devia fazê-lo, pois era verdadeiramente homem. Por outro lado, a água quando misturada ao vinho adquire a cor e o sabor deste. Ora, as gotas de água representam a humanidade que se transforma quando diluída em Cristo.

Os tempos da preparação das oferendas:

⁹ 1 Cor. 3.

a) Preparação do altar: Em primeiro lugar prepara-se o altar ou a mesa do Senhor, que é o centro de toda liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, o cálice e o missal, a não ser que se prepare na credência.

b) Procissão das oferendas: Neste momento, trazem-se os dons em forma de procissão. Lembrando que o pão e o vinho representam o que é o homem e o que ele faz, esta procissão deve revestir-se do sentimento de doação, ao invés de ser apenas uma entrega da água e do vinho ao sacerdote.

c) Apresentação das oferendas a Deus: O sacerdote apresenta a Deus as oferendas. Este momento passa despercebido da maioria das pessoas devido ao canto do ofertório. O ideal seria que todo o povo participasse desse momento, sendo o canto usado apenas durante a procissão e a coleta fosse feita sem as pessoas saírem de seus locais.

d) A coleta do ofertório: Já nas sinagogas hebraicas, após a celebração da Palavra de Deus, as pessoas costumavam deixar alguma oferta para auxiliar as pessoas pobres. E de fato, este momento do ofertório só tem sentido se reflete nossa atitude interior de dispormos os nossos dons em favor do próximo. Aqui, o que importa não é a quantidade, mas sim o nosso desejo de assim como Cristo, nos darmos pelo próximo.

e) O lavar as mãos: Após o sacerdote apresentar as oferendas ele lava suas mãos. Antigamente, quando as pessoas traziam os elementos da celebração de suas casas, este gesto tinha caráter utilitário, pois após pegar os produtos do campo era necessário que lavasse as mãos. Hoje em dia este gesto representa a atitude, por parte do sacerdote, de tornar-se puro para celebrar dignamente a eucaristia.

f) Oração sobre as oferendas: Esta oração coleta os motivos da ação de graças e lança no que segue, ou seja, a oração eucarística. Sempre muito rica, deve ser acompanhada com muita atenção e confirmada com o amém!

A Oração Eucarística: É na oração eucarística em que atingimos o ponto alto da celebração. Nela, através de Cristo que se dá por nós, mergulhamos no mistério da Santíssima Trindade, mistério da nossa salvação. A oração eucarística é o centro e ápice de toda celebração, é prece de ação de graças e santificação. O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e na ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai por Jesus Cristo em nome de toda comunidade. O sentido desta oração é que toda a assembleia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício.

Após essas breves considerações, vejamos agora como se esquematiza a oração eucarística:

a) Definição: Trata-se de uma ação de graças ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. A Igreja rende graças a Deus Pai pelas maravilhas operadas por Cristo, no Espírito Santo. Ela louva, bendiz e agradece ao Pai. Comemora o Filho. Invoca o Espírito Santo.

b) Prefácio: Após o diálogo introdutório, o prefácio possui a função de introduzir a assembleia na grande ação de graças que se dá a partir deste ponto. Existem inúmeros prefácios, abordando sobre os mais diversos temas: a vida dos santos, Nossa Senhora, Páscoa etc. Geralmente começa por: "É verdadeiramente digno e justo..."

c) O Santo é a primeira grande aclamação da assembleia a Deus Pai em Jesus Cristo. Pode ser cantado ou rezado.

d) A invocação do Espírito Santo: Através dele Cristo realizou sua ação quando presente na história e a realiza nos tempos atuais. A Igreja nasce do espírito Santo, que transforma o pão e o vinho. A Igreja tem sua força na Eucaristia. Ao invocarmos o Espírito Santo sobre as oferendas, nos diferenciamos dos evangélicos, que não acreditam na transubstanciação do pão e do vinho, que acontecerá durante a consagração.

e) A consagração: Deve ser toda acompanhada por nós. É aconselhável não permanecer-se de cabeça baixa durante esse momento, mas sim acompanhar o que acontece no altar. Reprovável ainda é qualquer tipo de manifestação quando o sacerdote ergue a hóstia, pois este é um momento sublime e de profunda adoração. Nesse momento o mistério do amor do Pai é renovado em nós. Cristo dá-se por nós ao Pai trazendo graças para nossos corações. Daí ser esse um momento de profundo silêncio.

f) Preces e intercessões: Reconhecendo a ação de Cristo pelo Espírito Santo em nós, a Igreja pede a graça de abrir-se a ela, tornando-se uma só unidade. Pede-se pelo País, pela Igreja, pelos vivos, pelos mortos, etc.

Rito da Comunhão: A oração eucarística representa a dimensão vertical da missa, em que nos unimos plenamente a Deus em Cristo. Após alcançarmos a comunhão com Deus Pai, o desencadeamento natural dos fatos é o encontro com os irmãos, uma vez que Cristo é único e é tudo em todos. Tem também esse momento o intuito de preparar-nos ao banquete eucarístico.

a) O Pai-Nosso: É o desfecho natural da oração eucarística. Uma vez que unidos a Cristo e por ele reconciliados com Deus, nada

mais oportuno do que dizer: Pai nosso... Esta oração deve ser rezada em grande exaltação.

b) O Cordeiro de Deus: O sacerdote e a assembleia se preparam para a comunhão. A seguir todos reconhecem sua pequenez diante de Cristo e como o centurião exclamam: Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas disse uma só palavra e serei salvo. Cristo não nos dá apenas Sua palavra, mas dá-se por amor a cada um de nós.

c) A comunhão: Durante esse momento a assembleia dirige-se à mesa eucarística. O canto deve procurar ser um canto de louvor moderado, salientando a doação de Cristo por nós. A comunhão pode ser recebida na boca, estando, se possível, o fiel de joelhos na mesa da comunhão. Aqueles que por um motivo ou outro não comungam é importante que façam desse momento também um momento de encontro com o Cristo. Após a comunhão segue-se a ação de graças, que pode ser feita em forma de um canto de meditação ou pelo silêncio, que dentro da liturgia possui sua linguagem. O que não pode é esse momento ser esquecido ou utilizado para conversar com quem está ao nosso lado.

d) Orações após a comunhão: Estas orações ligam-se ainda a liturgia eucarística, e é o seu fechamento, agradecendo e pedindo a Deus as graças necessárias para se viver no dia-a-dia tudo que se manifestou perante a assembleia durante a celebração. Se há a necessidade de se dar avisos ou recados, faça-se após estas orações, e não antes.

Ritos Finais: O rito de encerramento da missa consta fundamentalmente de três elementos: a saudação do sacerdote, a bênção, que em certos dias e ocasiões é enriquecida e expressa pela oração sobre o povo, ou por outra forma mais solene, e a própria despedida, em que se despede a

assembleia, afim de que todos voltem às suas atividades louvando e bendizendo o Senhor com suas boas obras. Sem demais delongas, este momento é o oportuno para darem-se avisos à comunidade, bem como para as últimas orientações do presidente da celebração. Após, segue-se a bênção do sacerdote e a despedida. Para alguns liturgistas, esse momento é um momento de envio, pois o sacerdote abençoa os fiéis para que estes saiam pelo mundo louvando a Deus com palavras e gestos, contribuindo assim para sua transformação.

3. Gestos e expressão corporal

Nosso modo de olhar, gesticular, entrar na Igreja, tudo revela nosso interior. A liturgia é feita de sinais sensíveis que captamos mediante nossos cinco sentidos: tato, gosto, olfato, visão e audição. Cada um desses sentidos deve ser devidamente posto a serviço da celebração.

Olhar: Tanto do presidente quanto de todos os membros da assembleia, devem ser expressão sincera do que as palavras dizem uma expressão de envolvimento.

Audição: Escutar os sons, a palavra de Deus proclamada e comentada. Escutar também o silêncio.

Tato: Se expressa mediante o toque. A intensidade, o respeito, o modo como tocamos as pessoas, sinal de respeito e compreensão dos planos de Deus celebrados na liturgia.

Gosto e olfato: São dois sentidos um pouco esquecidos nas celebrações. Na comunhão eucarística o paladar tem o seu lugar e no incenso, o olfato.

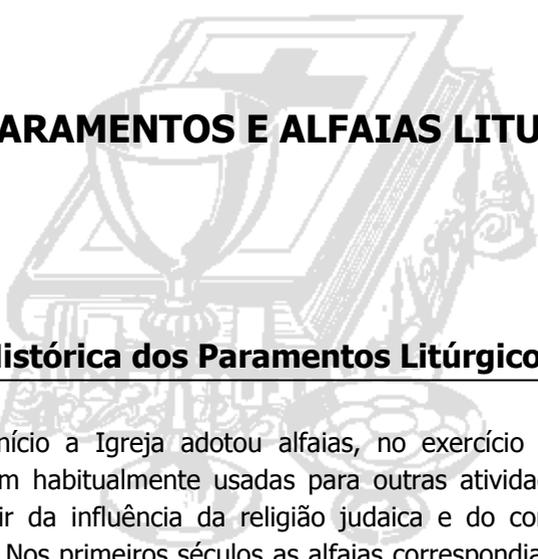
Audição: É um sinal da comunidade e da unidade da assembleia, pois

estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes.

Posições do corpo

- De pé:** É a posição do Cristo ressuscitado. Estar de pé simboliza prontidão: estamos prontos para caminhar em direção a Deus e aos irmãos. É também o símbolo da dignidade humana.
- Sentados:** É a atitude não somente de quem ensina (Jesus “subiu ao monte. Ao sentar-se... pôs-se a falar e os ensinava” – Mt 5,1-2), mas também de quem ouve (“Maria ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra” – Lc 10,39).
- Ajoelhados:** Revela um espírito de humildade e reconhecimento dos próprios erros (penitência); expressa o ato de profunda adoração a Deus.
- Prostrar-se:** A prostração é o ato de deitar de bruços no chão. É realizada no início da ação litúrgica da sexta-feira santa, nas ordenações de bispos, presbíteros e diáconos, e em profissões religiosas.
- Fazer genuflexão:** É o ato de dobrar os joelhos (gesto de adoração a Jesus na eucaristia). Ao entrar na igreja, normalmente as pessoas se dirigem para diante do sacrário e aí fazem genuflexão. Também fazemos genuflexão diante do crucifixo na Sexta-feira Santa, em sinal de adoração. (Não é adoração a cruz, mas a Jesus que nela foi pregado).
- Inclinação:** Sinal de grande respeito e também adoração diante do Santíssimo Sacramento.

- Procissão: Simbolizam a peregrinação do Povo de Deus para a casa do Pai. Somos uma Igreja "peregrina".
- Mãos: Levantadas: É a atitude dos "orantes". Significa súplica e entrega a Deus.
- Mãos juntas: Recolhimento interior, busca de Deus, fé súplica, confiança e entrega da vida.
- Silêncio: O silêncio tem seu valor na oração. Ajuda o aprofundamento nos mistérios da fé. "O Senhor fala nos silêncio do coração".



PARAMENTOS E ALFAIAS LITURGICAS.

1. Origem Histórica dos Paramentos Litúrgicos.

No início a Igreja adotou alfaias, no exercício litúrgico, que eram habitualmente usadas para outras atividades. Houve o cuidado de fugir da influência da religião judaica e do contato com as religiões pagãs. Nos primeiros séculos as alfaias correspondiam ao decoro, praticidade e respeito pela liturgia. As roupas utilizadas pelos ministros sagrados nas celebrações litúrgicas são derivadas das vestimentas gregas e romanas. Nos primeiros séculos, a forma de vestir das pessoas de uma determinada classe social (os honestiores) foi também adotada para o culto cristão, e esta prática foi mantida na Igreja, mesmo após a paz de Constantino. Como contado por alguns escritores eclesiásticos, os ministros sagrados usavam suas melhores roupas, provavelmente reservadas para a ocasião.

Enquanto que na antiguidade cristã as vestimentas litúrgicas diferiam das de uso cotidiano não pela forma particular, mas apenas pela qualidade dos tecidos e decoração particular, no curso das invasões bárbaras, os costumes, e com eles também a forma de vestir dos novos povos, foram introduzidos no Ocidente, levando a mudanças na moda profana. A Igreja, ao contrário, manteve essencialmente inalteradas as roupas usadas pelos sacerdotes nos cultos públicos; foi assim que as vestimentas de uso cotidiano acabaram por se diferenciar das de uso litúrgico. Na época carolíngia, finalmente, os paramentos próprios de cada

grau do sacramento da ordem foram definitivamente definidos, assumindo a aparência que conhecemos hoje.

Além das circunstâncias históricas, os paramentos sacros têm uma função importante nas celebrações litúrgicas: primeiramente, o fato deles não serem usados no cotidiano, tendo assim um caráter cultural (de culto), ajuda-nos a romper com o cotidiano e suas preocupações, no momento da celebração do culto divino. Além disso, as formas largas das vestimentas, como por exemplo da casula, põem em segundo plano a individualidade de quem as veste, enfatizando seu papel litúrgico. Pode-se dizer que a "ocultação" do corpo do ministro sob as vestes, em certo sentido, despersonaliza-o, removendo o ministro celebrante do centro, para revelar o verdadeiro protagonista da ação litúrgica: Cristo. A forma das vestes, portanto, lembra-nos que a liturgia é celebrada *In Persona Christi*, e não em próprio nome.

Aquele que exerce uma função de culto não atua como indivíduo por si mesmo, mas como ministro da Igreja e como instrumento nas mãos de Jesus Cristo. O caráter sagrado dos paramentos provém também do fato de que são vestidos acompanhados de um ritual e de orações pertinentes a cada veste. Eis a razão do uso dos paramentos: manifestar a solenidade do momento, demonstrar que não se trata de um ato qualquer. Além disso, cada paramento tem sua razão específica de ser. E usá-los é **ato obrigatório**, como se vê adiante.

2. História dos Paramentos Brasileiros.

A. MISSAL BRASILEIRO: UMA GRANDE HISTÓRIA¹⁰

Deus ao planejar a fuga do Egito, com grande rigor e cerimonial prescreveu como deveria ser a noite que antecederesse a partida. Tal rito

¹⁰ Texto de Dom Manoel José da Rocha Neto.

seria a base histórica da Ceia Pascal, com pequenas modificações até hoje celebrada em 14 de Nissan pelo Povo de Israel. Foi dentro desse rito pascal, que ao celebrar sua última Ceia, Jesus Cristo, tomando por base os principais elementos, dessa refeição – memorial de libertação, ou seja o Pão e o Vinho, instituiu a EUCARISTIA e determinou que seus Apóstolos a celebrassem da mesma forma.

Os Apóstolos de fato assim o entenderam e a Igreja nascente logo começou a se reunir em torno da fração do pão, a beber o Cálice da Bênção e a ser advertida para que não comessem e bebessem indignamente do Corpo e Sangue do Senhor.

Ou seja, ao lado da Pregação, os Apóstolos logo entenderam que era essencial, manter no rito da Fração do Pão, (uma das primeiras designações para a Ceia do Senhor Jesus, em contraste com a Ceia Judaica), os elementos essenciais.

Assim podemos ler na Didaqué, as primeiras fórmulas (O Senhor esteja com vocês ... etc.). Isso só nos reforça a convicção que a liturgia nascente já era fonte de preocupação, zelo e dedicação dos líderes da Igreja.

Pulando nos séculos, vemos o grande Gregório I, elaborando orações (que chamamos: coleta, secreta, pós-comunhão) para os domingos do chamado ano Litúrgico. Tais orações, abandonadas por Roma após a reforma Paulina em 1969, permanecem em sua maior parte no nosso Missal, com toda sua grandeza de quase dois mil anos de história.

A reforma protestante faz a Igreja perceber que sem uma unidade de rito e sem manter o maior patrimônio da Fé, ou seja, a Liturgia, o risco de vermos o sucesso herético era muito maior. Assim em Trento renasce com vigor o movimento Litúrgico, o qual, porém, numa atitude de autoproteção da Igreja de Roma, faz com que o Missal de Pio V (Quo Primum Tempore) seja embasado sobremaneira na Liturgia Papal medieval, o que ao lado de ser um rito riquíssimo e belo, o faz distante das realidades, por exemplo, das terras de missões, da simplicidade de muitos países, dentre outras dificuldades. Mas, é importante lembrar, é a Liturgia

de Pio V (vivida entre os anos de 1560 a 1946) que serviria de base a Liturgia da nossa Igreja.

Avancemos no tempo para chegarmos ao ponto central desta história. Na primeira metade do século XX era grande o fervor litúrgico na Igreja Católica, ao lado das vozes mais atuante estava Dom Carlos Duarte Costa. Mas o pensamento estava focado em alguns detalhes que tornariam mais viva e mais próxima do povo dos tempos presentes àquela liturgia tão bela e profunda enriquecida por séculos de história.

Assim ao surgir o seis de julho de 1945, a primeira e maior mudança era a celebração da Missa em Vernáculo, e foi isso o que primeiro chamou a atenção ao nascente movimento do já então famoso ex-bispo de Maura.

Usando o chamado Missal quotidiano de D. Beda Keckeisen, então em moda no Brasil, Dom Carlos passou a officiar suas missas, tanto em sua capela particular na Rua Oto de Alencar nº 20 ou na capela de Santa Ana, no Bairro da Penha, ambas no Rio de Janeiro, então capital federal.

Mas a perseguição é intensa, a Igreja se vê fechada pela força da lei e das armas da Polícia Militar (27/09/1947). Nasce o famoso decreto de ritos e vestes... E com isso a Liturgia sofre uma alteração.

Dom Carlos conhece a história, não é louco para cometer os erros do Livro de Oração Comum. Não se afasta do modelo usado lá no cristianismo primitivo. Ele apenas enriquece as orações e traz algumas inovações, fruto dos debates do movimento litúrgico presente naquela época na Igreja Romana. Ele se antecipa, mas com cautela e prudência, virtudes que lhe eram marcantes.

Os primeiros missais são "datilografados", imaginemos o trabalho e as imprecisões que isso acarretava.

Sai uma edição, para os padrões de dificuldades financeiras e de tempo, era o maior avanço possível. Mas, olhando hoje, é fácil perceber as limitações. Trazia a impressão, apenas o ordinário básico, com dois prefácios (o comum e o de finados). Um para uso geral e outro, para o

que naquele momento era uma pastoral e necessidade da nascente Igreja Nacional.

Não trazia as orações próprias (coleta, secreta, pós-comunhão). Não trazia leituras ou Evangelhos, não tinha santoral ou algo parecido. Era um livreto nada mais.

Edição limitada e poucos exemplares, hoje raríssimos e objetos de custódia ainda que por fotocópias.

Mas nesse modelo chegamos a década de 70 do século passado. A ICAB crescera, mas dentre tantas preocupações, infelizmente o missal ficara meio que num segundo plano. Até que Dom Luís Fernando Castillo Méndez (1922/2009), já com uma estrutura financeira maior e com gente disponível, usando o missal quotidiano (Dom Beda ou o de Dom Gaspar Lefebvre, nessas alturas havia muitas edições) ele faz o MISSAL BRASILEIRO (Ordinário, orações próprias, citações de leituras e evangelhos, etc.) em 1973. Era o avanço possível.

Dom Luís, faz as adaptações que ele julgou necessária àquela época. Mas nada que diferenciasse muito do missal de SÃO CARLOS DO BRASIL.

15 anos depois desse missal, nasce um movimento litúrgico genuinamente Icabense, mas que ficou restrito a realidade local, exatamente por falta de impressão e maior divulgação. Na diocese de Jaboatão dos Guararapes – PE, aonde chega o vocacionado CARLOS VANDER, oriundo da Congregação Beneditina, famosa por sua dedicação ao estudo da Liturgia. Vander chega e ao lado de seu Bispo Dom Geraldo Magela do Nascimento, (também um ex-beneditino), começa a datilografar os textos litúrgicos que julgava úteis a uma liturgia mais inserida na realidade da ICAB.

Mas alguns fatores pesam contra tal liturgia: 1 – A pressa com que foi elaborada; 2 – A falta de discussão em nível de Igreja, ficando restrita a uma Diocese; 3 – A pobreza e simplicidade das redações, até com discordâncias gramaticais graves; e, sobretudo o fato de nunca terem sido impressos os livros, mas apenas e tão somente fotocópias.

Outras experiências, nem sempre felizes começam a brotar. Roma passava por uma mudança em seus seminários, saía de cena a teologia da libertação e voltava-se a um modelo tradicional. Muitos seminaristas desse período buscam a ICAB. E aqui chegam sem entender nossa Liturgia e sem acompanharem as mudanças benéficas então implantadas em Roma.

A ICAB passa por adaptações nefastas, muitas vezes apenas cópias mal feitas dos mal feitos ritos romanos. A Beleza e a pompa de nossas cerimônias passam a ser desconhecidas pelo clero que se forma na ICAB nos anos correspondentes ao auge do Papado de João Paulo II.

Mas em 2001, Dom Ivan Dutra de Moraes, tenta unir a Igreja num novo movimento litúrgico e ao lado de Dom Geraldo Magela do Nascimento fazem um novo ordinário o qual é vivamente abraçado pelos bispos mais tradicionalistas do Sul (os chamados Carlistas), os quais desejando uma Igreja Unida na fé e na Oração, colaboram nesse movimento e assumem a impressão do Missal (edição 2003).

As alterações trazidas, com três ordinários, é um avanço, mas tem sempre suas incorreções próprias das pressas e da falta de maior diálogo. Tendo essas falhas sido sanadas num trabalho de mais de sete anos, cuja maior dedicação é o Bispo de Curitiba – Dom Áurio Fontanela Camargo. Quem se dedica a nova redação do Missal, com ardor e paixão.

Ai é que entrou minha pequena colaboração, fruto de pesquisas na história e na liturgia. Estudo esse facilitado pela internet, que hoje disponibiliza muito que antes só havia em livros raríssimos e caros.

O Missal de 2003, não haveria nascido sem Dom Áurio e Dom Ademir Moser.

Mas a unidade litúrgica pretendida não é alcançada naquele momento. Havia falhas ainda.

Agora na edição 2010, que sai com um atraso pelas dificuldades de impressão, mas sai pela determinação do atual presidente, Dom

Josivaldo Pereira de Oliveira, que toma qual Pio V, qual Dom Luis Castillo, a decisão de dotar a ICAB de um missal digno e o mais completo possível.

O novo Missal sai com dois ordinários e três cânones (O Brasileiro – que é o de São Carlos do Brasil, reformado por Dom Luis, mas cuja origem é fundamentalmente o Missal de Pio V; O Conciliar – que é obra de Dom Ivan e Dom Geraldo Magela, e é uma união entre o Brasileiro e o do Pe. Vander; e por fim o da Libertação – que é a obra original do Pe. Vander, apenas com a melhor redação gramatical).

As orações próprias, coleta, secreta ou sobre as oferendas e a pós-comunhão, são 99% de São Gregório Magno. O Ofertório é o de Pio V e o do Pe. Vander. A fórmula consagratória é da Bíblia de Jerusalém (unificação dos textos evangélicos e paulinos acerca do rito da última ceia).

O Santoral é baseado na realidade da ICAB hoje. Os padroeiros e padroeiras de catedrais e maiores igrejas foram contemplados além dos grandes mistérios do ano litúrgico. É até possível que falte um ou outro santo (faltou Santa Rita, por exemplo), mas foi mais por esquecimento na digitação ou por erro na gráfica, quando da impressão do chamado “boneco” (como foi o caso de S. Rita), do que o desconhecimento de nossa realidade ou de nossos templos.

A Igreja agora tem um missal que não será o último, mas é fruto desse trabalho e desse momento especial que temos a alegria de vivermos. Pode conter falhas humanas, mas a liturgia por ser Divina, é isenta de erros.

Assim, com este depoimento espero ter dado minha modesta colaboração para a história litúrgica da ICAB.

Sarandi – PR, 14 de abril de 2012.

+Manoel José da Rocha Neto

B. DECRETO DE RITOS E VESTES¹¹

Dom Carlos Duarte Costa, por mercê de Deus, fundador da Igreja Católica Apostólica Brasileira e, por vontade do povo, Bispo do Rio de Janeiro.

A todos os que este nosso decreto virem: Saudação, Paz e Bênção em o Senhor.

FAZEMOS saber que:

Considerando que o Supremo Tribunal Federal denegou o mandado de segurança, por nós requerido, para que fosse assegurada, à Igreja Católica Apostólica Brasileira, a liberdade de culto e cessado o constrangimento policial a que vem sendo, inconstitucionalmente, submetida;

Considerando que o Dr. Alceu Barbedo, subprocurador da República, em seu parecer naquele feito, diz: "Dir-se-ia que o ato impugnado poderia apresentar retrocesso ao art. 6º. da Constituição do Império, segundo o qual, às outras Religiões, além da Católica Romana, era assegurado, apenas o culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo". "Nada menos certo, eis que não se cogita de restringir, por qualquer forma, como ficou bem claro, a atividade da Igreja Católica Apostólica Brasileira, mas, tão somente de impedir que ela use e pratique o culto pertencente a outro Credo Religioso";

Considerando, ainda, que no ofício do Ministro da Justiça, ao chefe de polícia, datado de 22 de setembro de 1948, está consignado; "Na oportunidade, devo ressaltar a V. Excia. que não é intenção do governo submeter os chefes, ou fiéis daquela Igreja a qualquer constrangimento em sua liberdade de crença, mas, apenas, como salientou o Consultor Geral da República, em seu parecer, assegurar à Igreja Católica Apostólica Romana o livre exercício de seu culto, através de manifestações externas,

¹¹ (Transcrito "ipsis litteris" da revista LUTA!, ano VII, dezembro de 1953, nº. 19, págs. 70 e 71).

quais procissões, missas campais, cerimônias em edifícios abertos ao público, etc., quando praticados pela Igreja Católica Apostólica Brasileira, com as mesmas insígnias, as mesmas vestes, enfim, o mesmo rito daquela”;

Considerando que “essas manifestações externas, quais procissões, missas campais, cerimônias em edifícios abertos ao público, etc.”, sempre existiram em todas as religiões, mesmo nas religiões anteriores à Legislação Mosaica, não constituindo, pois, propriedade da Igreja Romana, como ela quer fazer crer;

Considerando que é escopo, da Igreja Católica Apostólica Brasileira, respeitar as determinações do poder público, pautando sempre as suas normas religiosas, dentro da ordem pública e dos bons costumes;

Considerando mais que o culto da Igreja Católica Apostólica Brasileira, não é o culto da Igreja Católica Apostólica Romana, que é o romano, sendo que seus atos praticados em latim, mas, sim, o culto românico, sendo seus atos praticados em língua portuguesa;

RESOLVEMOS:

Não sendo esta ou aquela cor propriedade da Igreja Romana;

Não sendo este ou aquele feito propriedade exclusiva da Igreja Romana;

Sendo as insígnias episcopais usadas, na Igreja Católica Apostólica Brasileira, as mesmas usadas em outras Igrejas, por serem aquelas que foram dadas, por Deus, a Aarão, conforme descrevem os livros do Êxodo e o Levítico;

Sendo a origem das vestes sacerdotais a mesma, em todas as Igrejas;

Tirando as igrejas sua liturgia da Legislação Mosaica e, mesmo, antes da Legislação Mosaica;

ADOTAR:

A cor cinzenta para os hábitos eclesiásticos: batinas, sobretudos, capas, faixas, barretes, com distintivos verdes-amarelos, aprovados por Nós;

Os Bispos usarão, em suas batinas, vivos e botões vermelhos, com franjas verde-amarelo, barrete vermelho, com borla verde-amarelo;

O Rito Brasileiro, já em uso, por Nós aprovado, desde sete de abril de 1949;

Vestes e paramentos já, por Nós, aprovados, a saber:

Paramento cor de ouro, galões verde-amarelo, cruz verde nas costas, com um triângulo amarelo no centro e, no centro do triângulo, as letras: C. E. S., querendo dizer: Cristo Eterno Sacerdote; estola verde, véu do cálice verde, e galões verde-amarelo;

Paramento preto, galões verde-amarelo, cruz verde, nas costas, com um triângulo amarelo no centro e, no centro do triângulo, as letras: C. E. S., estola preta, véu de cálice preto, com galões verde-amarelo;

Nas solenidades externas, quais procissões, missas campais, cerimônias em edifícios públicos abertos, etc., a Igreja Católica Apostólica Brasileira aparecerá em público, com sua bandeira própria, formada de seu escudo, a bandeira nacional, usando suas associações uma capinha cor de ouro, galões verde-amarelo ou outros distintivos próprios de suas organizações, de acordo com os seus estatutos, sob a presidência do sacerdote, que usará o paramento cor de ouro.

Dado e passado, nesta cidade do Rio de Janeiro, sob o Nosso Sinal e Selo de Nossas Armas, aos quatro dias do mês de abril do ano de mil novecentos e cinquenta, 30º aniversário de nossa primeira missa. E eu, o Padre Olinto Ferreira Pinto, servindo de secretário, o subscrevi.

Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro e Chefe da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

3. As vestimentas litúrgicas e as orações que acompanham sua vestidura.



As Vestimentas Litúrgicas

A. LAVABO

Obviamente, não é um paramento, mas é o início da preparação, nele sacerdote lava as mãos, recitando uma oração especial; além da questão de higiene, este ato tem também um significado simbólico profundo, representando a passagem do profano ao sagrado, do mundo do pecado para o puro Santuário do Altíssimo. Lavar as mãos equivale, de certa forma, a retirar as sandálias diante da sarça ardente (Êxodo 3, 5).

ORAÇÃO:

Senhor concedei, que se remova toda a mácula destas mãos que levam ao povo, a Vossa bênção; e que Vosso servo, impoluto em corpo e alma, possa bem Vos servir.

B. BATINA, SOTAINA OU VESTE TALAR:

É uma veste eclesiástica, própria de diáconos, presbíteros, bispos e seminaristas, **na cor cinza chumbo, para diferenciar do clero secular romano, que usa preta**, com 33 botões na frente, cinco em cada manga dos punhos e em alguns casos sete nos chamados manguitos, que ficam sobre os ombros. O que significam tais números? Os 33 botões se referem à idade de Cristo, a idade do novo homem. Os cinco, são os mandamentos da Igreja e ao efetuar as orações o celebrante levantando ambos os braços, formará o numero dez, que lembrará ao povo os dez mandamentos da Lei de Deus. E ao abaixar os braços, em cada um deles formará o numero 12, que são os Apóstolos e as 12 tribos. Também o sete em cada ombro lembrará as sete obras espirituais (ombro esquerdo) e as corporais (ombro direito).



Pode ser usada com uma faixa à cintura, cuja cor varia segundo o grau na hierarquia católica. Bispos usam batina cinza, violácea ou vermelha, com filetes vermelhos e faixa violácea.

ORAÇÃO:

Senhor fazei-me humilde, austero e reverente, faz-me, Senhor, no Vosso serviço.

C. AMITO

É um pano retangular de linho dotado de duas fitas, que repousa sobre os ombros junto ao pescoço. O amito destina-se a cobrir, ao redor do pescoço, a vestimenta utilizada diariamente, ainda que se trate do hábito do sacerdote. Nesse sentido, é preciso lembrar que o amito também é usado quando se está vestido com roupas de estilo moderno, que muitas vezes não apresentam uma grande abertura em torno do pescoço. De qualquer forma, portanto, as roupas comuns permanecem visíveis e por isso é preciso cobri-las também, nestes casos, com o amito. O amito é vestido antes da alva (ou túnica).



Com referência à carta de São Paulo aos Efésios 6, 17, o amito é interpretado como "o elmo da salvação", que deve proteger o portador das tentações do demônio, em especial de pensamentos e desejos malévolos durante a celebração litúrgica.

ORAÇÃO:

Senhor amparai a minha frente com o capacete da salvação; para que eu possa repelir, com a celeste virtude, todo o assalto do inimigo.

D. TÚNICA OU ALVA

A alva consiste na veste longa e branca utilizada por todos os ministros sagrados, e que representa a nova veste imaculada que todo cristão recebe mediante o batismo. A alva é, portanto um símbolo da graça santificante recebida no primeiro sacramento, e é considerada também um símbolo da pureza de coração necessária para o ingresso na graça eterna da



contemplação de Deus no céu (Mateus 5, 8). Isso é expresso na oração recitada pelo sacerdote enquanto veste a peça, oração que se refere ao Apocalipse 7, 14.

ORAÇÃO:

Senhor dealbai-me e purificali o meu coração: para que, lavado no Sangue do Cordeiro, reine celeste gozo em minha alma.

E. CÍNGULO

Sobre as vestes, na altura da cintura, é colocado o cingulo, um cordão de lã ou outro material apropriado, que é usado como cinto. Todos os oficiais que portam a alva devem também portar o cingulo.

Para diáconos, sacerdotes e bispos, o cingulo pode ser de cores diferentes, de acordo com o tempo litúrgico ou a memória do dia. No simbolismo das vestes litúrgicas, o cingulo representa a virtude do autocontrole, que São Paulo enumera entre os frutos do Espírito (cf. Gálatas 5, 22).



ORAÇÃO:

Senhor refreai, castigai e transmutai em força espiritual, todo o excesso lascivo em meus lombos; e fazei-me esforçado, presto e fiel em todo o meu encargo.

F. ESTOLA

A estola é o elemento distintivo de um ministro ordenado e é sempre usada na celebração dos sacramentos e sacramentais. É uma faixa de tecido, em geral bordado, cuja cor varia de acordo com o tempo litúrgico ou o dia santo.



O diácono a traz transversal, o sacerdote cruzada na frente, lembrando a cruz de Cristo. Somente deve ser usada solta com a sobrepeliz. O Bispo a usa solta, pois o próprio bispo já representa o crucificado.

Dado que a estola é um paramento de suma importância, indicando mais do que qualquer outro a condição de ministro ordenado, não se pode deixar de lamentar o abuso, já largamente difundido, por parte de alguns sacerdotes, que não a usam em conjunto com a casula.

ORAÇÃO

Senhor ajudai-me, a servir-vos em tudo com distinção, amor e alegria, como convém ao servidor imortal do Grande Rei.

F. CASULA

É a vestimenta característica daqueles que celebram a Santa Missa. Os livros litúrgicos usavam as duas palavras, em latim: casula e planeta, como sinônimos. Enquanto o nome planeta foi usado em particular em Roma e acabou por permanecer na Itália, o nome casula deriva da forma típica da vestimenta, que originalmente circundava todo o corpo do ministro sagrado que a portava. O uso da palavra "casula" também é encontrado em outros idiomas: "Casulla", em espanhol, "Chasuble" em francês e em Inglês, "Kasel" em alemão. A oração com a qual se veste a casula cita as palavras do Senhor contidas em Mateus 11, 30.



Existem vários modelos, o romano (chamado vulgarmente VIOLÃO), o gótico (o mais usado hoje em dia) e o Brasileiro (criação da

ICAB, que estava em desuso, mas que está sendo lentamente resgatado). Exceto o ROMANO, usamos o gótico e o Brasileiro.

ORAÇÃO

Ó Senhor, de quem o jugo é suave, e o peso leve. Fazei que de tal forma eu receba o Vosso jugo, que alcance a paz e o poder da Vossa Graça.

OUTROS PARAMENTOS

BARRETE

O barrete é um gorro litúrgico que também se usa extra liturgicamente (nas ruas). O sacerdote usa cinza e os bispos vermelhos.



SOBREPELIZ

A sobrepeliz (do latim: superpelliceum) é uma veste litúrgica que faz parte das vestes corais. É usada por todos os clérigos e seminaristas por cima da batina, sobretudo quando assistem ao o Ofício Divino, mas também para as outras celebrações litúrgicas, quando não tomem parte nelas como celebrante ou concelebrante ou como diácono ministrante ao altar.



DALMÁTICA

Veste própria do diácono. É colocada sobre a alva e a estola. Veste originária da dalmácia, que simboliza na Igreja a alegria de servir a Deus.



INSTRUÇÕES GERAIS

1. Se o sacerdote quiser usar uma cruz ao peito, deve ser uma cruz com o crucificado, para não imitar os bispos.
2. Também aos sacerdotes e diáconos é vedado o uso de anéis, exceto a aliança conjugal, para os casados.
3. Na missa, os paramentos utilizados pelo padre são a alva, o amito, a estola, o cingulo e a casula; o Bispo, além desses, utiliza a cruz peitoral e a mitra, além de ter nas mãos o báculo; o diácono usa alva, amito, estola, cingulo e dalmática; o acólito, se estiver de batina, usa a sobrepeliz por cima, e, sem ela, apenas alva e cingulo.
4. Ao contrário do que pensam alguns, a casula é obrigatória! Não basta alva e estola! A casula é a veste própria do sacerdote, e simboliza a Cruz, a dignidade própria do padre! A casula remete ao sacrifício!
5. Igualmente, quando a missa for concelebrada por mais de um sacerdote, a obrigação de usar a casula é só do celebrante principal, ou presidente. Os demais celebrantes não necessitam utilizar a casula, embora seja vivamente recomendável que o façam, se possível até com um feitiço de casula diferente para o presidente da Santa Missa.
6. Na Unção dos Enfermos, deve vestir alva e estola ou, estando de batina, sobrepeliz e estola. Pode utilizar, também, a capa magna (pluvial). Aliás, em todos os demais sacramentos celebrados solenemente fora da missa, pode o ministro usar o pluvial. Quando a Penitência é iniciada por um rito comunitário de exame de consciência, o sacerdote deve usar a alva e a estola, ou, de batina, a sobrepeliz e a estola. E, sempre, o pluvial.

7. Celebrando solenemente a Liturgia das Horas, o sacerdote, de batina, usa sobrepeliz e estola, ou, sem batina, alva e estola. Se o Ofício for de vésperas ou Laudes, coloca também o pluvial. Os diáconos que o auxiliam usam a mesma veste e, no lugar do pluvial, usam dalmática. Todavia, se não for um sacerdote a presidir a Liturgia das Horas e sim um diácono, este usa pluvial e não dalmática.
8. Na Exposição e Bênção do Santíssimo Sacramento, a regra é diferente: durante a exposição, por cima do conjunto de alva, cingulo, estola e pluvial, sem batina, ou de batina, sobrepeliz, estola e pluvial, o sacerdote ou diácono que expuser o Santíssimo pode usar pluvial; durante a bênção, se ela for solene, i.e., com a Hóstia consagrada no ostensório, deve usar o pluvial, e se for simples, com a Hóstia consagrada no cibório, seu uso é optativo; em qualquer das bênções, solene ou simples, deve ser usado o véu umeral por cima das outras vestes. O diácono que estiver auxiliando a exposição pode usar dalmática, mas não pluvial.
9. Concelebrações: Na ICAB, oficialmente só temos concelebração nas Ordenações, na Missa dos Santos Óleos e em raríssimas exceções... O normal é a missa oficiada por um só e único celebrante. Os demais sacerdotes (ou bispos) devem estar de acordo com o seguinte:
- Bispos: Vestes corais (batinas e roquete, estola se possível);
 - Sacerdotes: Batina e sobrepeliz. Na hora da comunhão, se forem ministrá-la, usem a estola;
 - Diáconos: Vestes próprias (alva, estola, dalmática), os do trono, devem usar sobrepeliz e não alva por baixo da dalmática.
 - Nas missas solenes, o Bispo deve usar 2 mitras e deve haver ao menos quatro diáconos (não havendo diáconos, ou não sendo seu número suficiente, poderá um padre usar as vestes e fazer as vezes do diácono);

10. Modelo de casula "Brasileira":



4. Objetos Utilizados na Celebração da Santa Missa

Água: Trata-se de água natural. É usada para purificar as mãos do sacerdote e para ser misturada com o vinho, simbolizando a união da humanidade com a divindade em Jesus. Também é usada para purificar o cálice e a âmbula.

Âmbula: É semelhante ao cálice, mas possui uma tampa. Nele se colocam as hóstias. Após a missa, é guardada no sacrário, juntamente com as hóstias que foram consagradas. Também chamada de Píxide ou Cibório.

Cálice: É uma taça geralmente revestida de ouro ou prata. Nele se deposita o vinho a ser consagrado.

Corporal: É uma toalhinha quadrada. Chama-se corporal porque sobre ela coloca-se o Corpo do Senhor (cálice e âmbula), no centro do altar.

Manustérgio: Toalha que serve para enxugar as mãos do sacerdote, durante o ofertório. Costuma a acompanhar as galhetas.

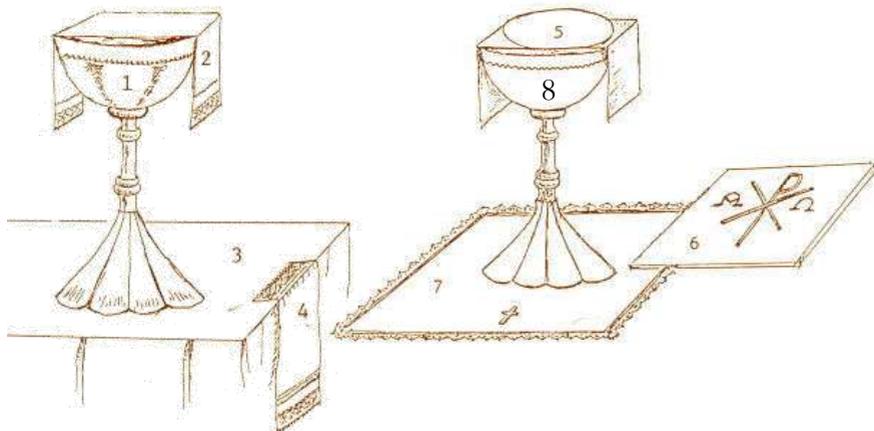
Pala: É uma peça quadrada e dura (um cartão revestido de linho). Serve para cobrir o cálice.

Patena: É um pratinho de metal. Sobre ela coloca-se a hóstia maior.

Sanguinho: É uma toalha branca e comprida, usada para enxugar o cálice e a âmbula.

Galhetas: São duas jarrinhas em vidro ou metal. Em uma vai a água e na outra, o vinho. Estão sempre juntas sobre um pratinho na credência.

Objetos utilizados para a Consagração:



1. Cálice.

2. Sanguinho.

3. Credência.

4. Manustérgio.

5. Patena.

6. Pala.

7. Corporal.

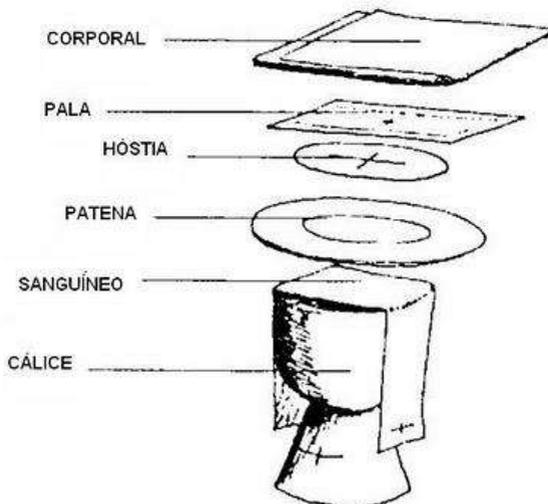
8. Âmbula

Crucifixo: Sobre o altar ou acima dele, existe um crucifixo para lembrar que a Ceia do Senhor é inseparável do seu sacrifício redentor. Vemos em Mt 26, 28, que Jesus deu a seus discípulos o "sangue da aliança que será derramado por muitos para o perdão dos pecados".

Flores: Em dias festivos pode-se usar flores, não sobre o altar, mas ao lado deste. Sobre o altar usa-se decoração com motivos litúrgicos, tais como o pão e o vinho, o trigo e a uva, além das velas e crucifixo. No tempo da Quaresma não se usa flores; durante o Advento, admite-se seu uso desde que seja com moderação, para não antecipar a alegria do Natal.

Hóstia: É feita de pão de trigo. Há uma hóstia grande para o sacerdote e pequenas para o povo. A do sacerdote é grande para que possa ser vista de longe pelo povo durante a elevação e também para ser repartida entre alguns participantes, em geral os ministros.

Ordem do elementos sobre o cálice:



Lecionário: Livro que contém todas as leituras da Bíblia, de acordo com a missa do dia.

Missal: É um livro grosso que contém todo o roteiro do rito da missa, com exceção das leituras que se encontram no lecionário.

Velas: Sobre o altar ficam duas velas. A chama da vela simboliza a fé que recebemos de Jesus, Luz do Mundo, no batismo e na confirmação. É sinal de que a missa só tem sentido para quem vive a fé.

Vinho: É vinho puro de uva. Assim como o pão se converte no verdadeiro Corpo de Cristo, também o vinho se converte no verdadeiro Sangue do Senhor, vivo e ressuscitado.

Turíbulo: Recipiente apropriado para se queimar o incenso, munido de orifícios para a saída da fumaça e correntes para seu transporte e manuseio.



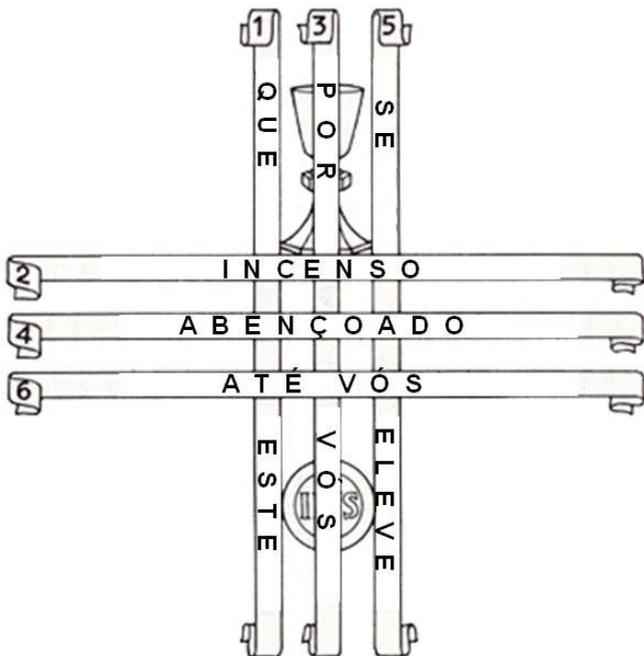
Naveta: Recipiente onde se armazena o incenso, para ser deitado no turíbulo. Munido de uma tampa e de uma pequena colher, seu nome deriva do fato de que, originalmente, possuíam a forma de um pequeno barco.

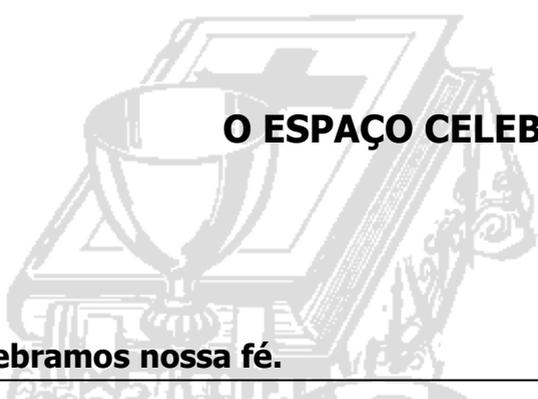
Incenso: Nos rituais da Igreja, é empregado em missas solenes tendo-se em mente que é uma homenagem a Deus, quando o padre e os fiéis são incensados, a idéia é que suba a Deus um aroma agradável de louvor. O uso do incenso é um símbolo de oração. O ritual mosaico empregava o incenso em muitos sacrifícios, só ou com outros perfumes; havia também o altar dos perfumes em que se queimava incenso de manhã e de tarde. Os cristãos adotaram cedo o uso do incenso. Em Jerusalém, no século IV, já se empregava em todos os grandes ofícios.

Na celebração da Santa Missa, incensa-se o altar no início da celebração, também o ambão com a Bíblia, antes da leitura do Evangelho e as oferendas sobre o altar, após o ofertório, além de outros momentos, previstos no missal ou ritual próprio.

Na incensação das oblatas (oferetas), procede-se conforme ilustrado nas figuras na página seguinte, fazendo o celebrante três cruzes e três círculos com o turíbulo, sobre as oferendas do altar.

Para os demais objetos, nomenclaturas e termos utilizados em liturgia, trazemos um pequeno Dicionário de Liturgia, ao final do livro.





O ESPAÇO CELEBRATIVO.

1. Onde celebramos nossa fé.

A celebração litúrgica não é somente uma realidade espiritual, mas também material e corporal. É uma ação que envolve todo o ser humano, em toda sua realidade. Consiste de palavras recitadas, cantadas, proclamadas e pregadas; movimentos, procissões, gestos, posições e ações rituais. A ação básica na celebração é a de se reunir em um lugar específico onde se celebrará a Liturgia. Este lugar poderá ser qualquer lugar, diante de uma necessidade. Mas, em circunstâncias normais, a comunidade cristã prepara um edifício especificamente construído, segundo os requisitos celebrativos, dedicado unicamente para a celebração. As paredes e o teto marcam um espaço onde a assembleia se reúne e celebra os mistérios de sua redenção.

Os espaços onde a assembleia se reúne para celebrar o memorial do mistério pascal de Jesus Cristo, falam de modo direto da fé e oração dessa comunidade. As formas que tomam os diferentes espaços refletem as crenças da comunidade e seus valores.

2. Um breve histórico.

Depois da ressurreição e ascensão de Jesus, a comunidade nascente, encomendada pelo Senhor a fazer memória de seu mistério pascal através de uma Ceia, começou a reunir-se no Domingo, o "dia do Senhor" e a celebrar a eucaristia. Esta celebração começou em casas

privadas, porque o novo movimento não estava conectado a nenhum templo, o novo templo era Jesus com seu corpo: a assembleia.

Não fazia falta um altar de pedra como o usado nos sacrifícios cruentos. Os únicos elementos absolutamente necessários para a eucaristia era: uma assembleia com seu ministro, apóstolo ou sucessor, pão e vinho. A necessidade humana desta assembleia exigia um lugar que podia ser uma casa, e uma mesa.



Logo estas casas foram doadas por pessoas da comunidade e dedicadas especificamente à assembleia dominical e a celebração dos sacramentos. Por isso, a casa mais primitiva encontrada relativamente intacta é a *domus ecclesiae*¹² de Dura Europos, situada na Síria, que no tempo de seu uso pertencia ao Império Romano. Esta casa foi construída perto do ano 200 d.C. Foi modificada para a celebração da comunidade:

¹² Literalmente: Casa da Assembleia

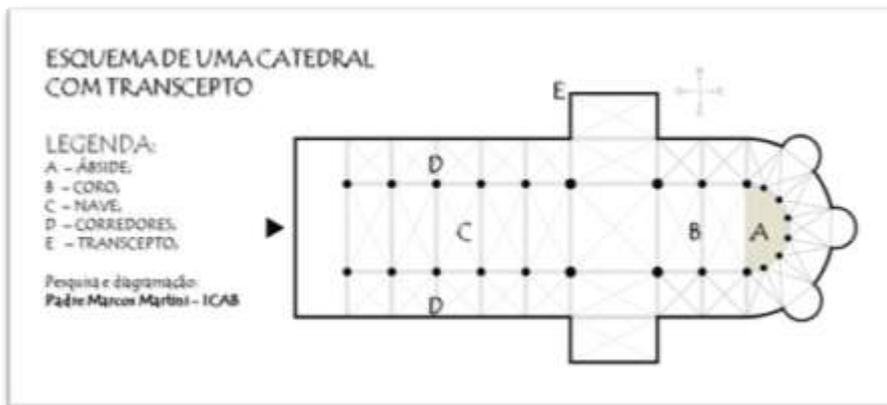
dois quartos foram convertidos em um, removendo o muro de divisão. A direita da entrada da casa, um espaço pequeno foi transformado em batistério, com uma pia do tamanho do corpo humano, e com decorações nas paredes. Podemos perceber que a este nível primitivo da Igreja, os espaços para o culto foram funcionais: tudo existia para a ação celebrativa da comunidade. Eram simples em sua construção e ornamentação, sem necessidade de coisas supérfluas. As decorações nas paredes, neste particular, do batistério, tem o propósito de dirigir a mente dos participantes para o sacramento celebrado. O espaço para a eucaristia era único, sem divisões arquitetônicas.

O Imperador Constantino substituiu o culto pagão pelo cristianismo de maneira oficial, transformando o culto cristão, de uma assembleia familiar a um evento público. O edifício mais apto para a celebração comunitária era a basílica romana, utilizada para assembleias públicas: um salão grande, comprido e largo, com colunas em cada lado, terminando na parte ocidental na abside, unia construção semicircular e um teto arredondado. No centro da parede da abside estava a sede do bispo, a cátedra com um banco a cada lado para os presbíteros. O altar ainda pequeno, separado da parede, foi coberto com um baldaquino para destacá-lo. Os celebrantes e a assembleia se enfrentavam, todos olhando em direção ao altar. O lugar para a proclamação da Palavra foi situado entre a assembleia e os celebrantes.

Este estilo basilical foi imitado, com algumas mudanças, na maioria das igrejas até nossos dias. Às vezes, um transepto foi inserido entre a abside e a nave, dando assim a forma de uma cruz ao edifício. Temos que lembrar que a adoção da forma basilical surgiu porque era o que existia nesse momento, arquitetonicamente. Preenchia os requisitos de uma assembleia grande.

Na Idade Média, houve uma mudança do material de construção: do ladrilho à pedra. Esta mudança fez com que o interior do espaço se escurecesse, ao ter que fazer as janelas menores, com colunas maiores, para sustentar o peso maior. O presbitério foi elevado, para acomodar a cripta debaixo dele. Isto começou a separar a ação litúrgica da assembleia. Tendência que se aguçou desde o século XII adiante, ao colocar o coro entre a assembleia e o presbitério. O celebrante tinha agora as costas

voltadas para a assembleia. O altar se encontra pegado à parede da abside e a cátedra do bispo se situa do lado esquerdo.



O período gótico permitiu mais luz no interior da igreja, com janelas maiores e muros menos espessos, pelo avanço nas técnicas de construção. As janelas grandes se encheram de vitrais belos que inspiravam e ensinavam os fiéis. O coro, espaço entre a assembleia e altar foi ampliado para dar lugar ao clero e monges nas catedrais e igrejas monásticas, para o ofício divino (melhor conhecido hoje por Liturgia das Horas). O púlpito, no meio da assembleia, serviu para a pregação no vernáculo durante a missa, separando o sermão da celebração. O altar começa a servir o retábulo, que cresce na sua elaboração de arte, para que os fiéis contemplem a vida e sofrimentos de Cristo e dos Santos.

O Renascimento manteria as formas da igreja gótica, com mudanças ornamentais, porém o Barroco tomou outra direção. Conseguiu fazer do espaço litúrgico único de novo. Tudo no espaço, na arte e na arquitetura, serviu para dirigir a atenção dos fiéis ao sacrário.

Com o Movimento Litúrgico, no século XIX, começou uma tendência, em alguns lugares, especialmente na Europa, de construir igrejas com um formato que permitisse a participação da assembleia na ação litúrgica, antecipando assim, as mudanças pelo Concílio Vaticano II, que concentraram a atenção da assembleia no celebrante, deixando o sacrário em segundo plano, retirado do centro do altar e levado para uma

posição lateral, mas estas mudanças não dizem mais respeito a nós, da Igreja Católica Brasileira uma vez que nossa realidade e de nossas comunidades são muito diferentes, entre si e, principalmente, diferentes da Igreja dominante.

3. O espaço celebrativo.

O espaço celebrativo de uma comunidade é, na realidade, um conjunto de diferentes espaços que formam o ambiente litúrgico total. Quando se fala dos espaços onde a liturgia é celebrada, se refere ao lugar e tudo o que esse lugar contém: arte, arquitetura e todos os demais objetos e elementos que se encontram ao redor, fora ou dentro do edifício. Em outras palavras, falamos do ambiente. Na liturgia, a arte tem um lugar privilegiado, por sua capacidade de abrir o significado da palavra mais amplamente à compreensão. A arte ilustra a palavra, enquanto a palavra revela e explica a imagem.

A arte litúrgica não é somente a pintura, a escultura ou o mosaico. O altar, o ambão e a sede também devem ser obras artísticas. Todos os elementos materiais no ambiente litúrgico hão de ser fruto do processo artístico em sua manufatura, ou pelo menos, em sua seleção e integração no ambiente, para que contribuam para a harmonia artística, em vez de uma mera aglomeração de coisas.

Considerando a distinção entre arte litúrgica e arte sacra e a necessidade de conformar tudo à participação da assembleia, tomamos consciência de que a arte, no edifício de culto, não deve distrair da ação litúrgica. Quando falamos de imagens, devemos pensar primordialmente na cruz. Esta pode ser uma cruz processional, que também serve de cruz para o altar durante a celebração. Depois se pensará nas imagens que a comunidade creia importante (por exemplo, o padroeiro da comunidade, a Virgem Maria), localizando-os de tal forma que contribuam com a harmonia do espaço celebrativo. Também, qualquer outro elemento artístico tem que estar em harmonia com estes lugares, assegurando-se de que não distraiam a atenção dos fiéis na celebração litúrgica.

A arquitetura ajuda a prover um ambiente de beleza, junto com funcionalidade da ação celebrativa. O espaço da celebração é um ambiente dinâmico, que sustenta e dá impulso à ação litúrgica. O ambiente completo é instrumento de fé transmitida e de celebração.

Cada espaço de celebração terá seus próprios requisitos e funções que condicionarão a forma concreta que deve tomar. Isto seria o primeiro requisito: que a forma siga a função. O segundo requisito seria assegurar que cada espaço celebrativo forme um conjunto harmônico.

Para responder o primeiro requisito, temos que explicar cada espaço e sua função. Estes espaços são: o espaço para se reunir; o espaço para a assembleia; o espaço para o presbitério, que inclui o espaço para o sacramento, a palavra e a presidência; o espaço para se mover; o espaço para o batismo e o espaço para a capela do Santíssimo Sacramento.

(a) Espaço para se reunir

Este primeiro espaço não se refere ainda ao espaço da assembleia, dentro do edifício sagrado, senão a esse espaço que se chama o átrio. Serve como umbral e lugar de encontro informal. As primeiras igrejas: casas reformadas e dedicadas à comunidade para suas celebrações, como as basílicas, tinham este espaço porque o átrio era um elemento arquitetônico comum à cultura romana. A prática tradicional europeia, de situar a igreja ao lado da praça pública tendo do outro lado a casa do governo municipal, assegurava um espaço de encontro informal diante da porta principal da igreja.

O espaço para se reunir evita a tendência que o homem moderno tem de ir diretamente, de seu carro ao banco, sem ter um contato mais pessoal e humano, com seus irmãos na fé. O átrio também é o lugar para a equipe de acolhida, podem também entregar as folhas paroquiais que contém os cânticos.

Como área de reunião informal, este espaço pode ter bancos com plantas e flores. Pode estar debaixo de um teto e parcialmente exposto ao exterior ou ser parte do interior da Igreja. Serve para o momento antes de entrar propriamente na Igreja, partilhar conversas após

a celebração. Desta maneira ajuda expressar que a celebração litúrgica não é algo isolado da vida diária da comunidade, mas sim, que precede e continua antes e depois e é algo levado para a rua, escola, casa e trabalho. Claro que não deve ser tão cômodo que alguém queira ficar aí, mas sim, deve inspirar a acolhida fraterna que dirige para o culto divino do espaço interior.

(b) Espaço para a assembleia

A palavra igreja vem do grego *eklesia* que se traduz por assembleia. Isto indica o lugar primordial que sempre teve a assembleia convocada por Deus, para a celebração litúrgica da palavra e o sacramento. Como Jesus mesmo indica, "*onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, aí estarei Eu no meio deles*" (Mt. 18.20).

De todos os diferentes espaços, o da assembleia é primordial. Condicionará a aparência exterior da arquitetura, que se baseia na forma da assembleia aí congregada. Os demais espaços estão incluídos no da assembleia ou intimamente relacionados com ela.

Os fiéis têm a necessidade básica de poder ver as ações e ouvir as palavras proclamadas, com facilidade e com o uso dos meios tecnológicos de amplificação, quando seja necessário. Porém, também existe a necessidade de sentir-se próximo da ação celebrada.

Durante grande parte da história da Igreja, o espaço da nave do edifício sagrado era espaço para mover-se (a nave é a parte maior da igreja onde a assembleia se situa). Não havia bancos ou cadeiras. No século XIII, os bancos começaram a aparecer na frente primeiro para aos que tinham recursos econômicos para comprá-los. Os demais atrás tinham ainda liberdade de movimento, para ir em direção onde estava acontecendo a ação. Gradualmente o espaço da nave se encheu de bancos, mudando drasticamente a dinâmica da ação litúrgica. Assim, o espaço de movimento faz parte do espaço da assembleia.

(c) Espaço para o presbitério

O espaço para o presbitério é parte integral do espaço para a assembleia. Isto fica claro quando se entende que a celebração litúrgica é ação do Cristo total, cabeça e membros e que toda a assembleia é liturgo. Esta realidade vem por natureza da Liturgia e o sacerdócio comum que o fiel recebe por seu batismo: o direito e obrigação de participar na ação litúrgica. O sacerdote, celebrante principal, faz às vezes do Cristo, porém também é membro da assembleia. Os demais ministros ordenados ou não, também pertencem à assembleia.

Por isso, o lugar em que o presidente e os ministros exercem seu serviço para a assembleia é um lugar central e integral ao espaço total da assembleia.

O presbitério é o espaço que contém o altar, o ambão e a sede. Estes três elementos têm um simbolismo próprio e uma importância que se explicará em detalhes mais adiante, porém, além do altar, ambão e sede existem no presbitério lugares para os diáconos e os servidores do altar. Ao situar estas cadeiras tem que buscar o equilíbrio e sempre evitar a aparência de um tribunal de oficiais como se fora uma reunião política ou uma corte de justiça. Às vezes é preferível que a sede esteja em um lugar próprio. Caso sejam colocadas duas cadeiras a cada lado, não devem estar muito próximas, quase coladas, à sede, podem estar ou um pouco separadas para os lados ou um pouco mais atrás. As cadeiras dos servidores do altar devem estar ao lado do presbitério. O presbitério requer espaço livre para mover-se, e um lugar livre visualmente para destacar o importante em vez do secundário. As cadeiras dos leitores estariam mais bem situadas com a assembleia, na nave, para simbolizar que eles vêm diretamente do povo.

Também, dentro do presbitério, se deve ter outro móvel chamado **credência**, uma mesa pequena para os vasos sagrados e os vasos do lavabo (jarra e uma bacia com toalha para lavar as mãos do celebrante depois da apresentação dos dons), junto com os panos necessários para a Liturgia eucarística: corporal e sanguíneo. A credência não deve fazer concorrência com o altar. Por isso se situa pegada à parede ao lado; nunca ao lado do altar. Seu tamanho seja o necessário para

suportar os vasos de uma celebração eucarística. Em outras palavras não deve ser de tamanho excessivo.

Em algum lugar dentro do presbitério, deve haver uma cruz visualmente destacada por sua arte e sua localização. É muito recomendável que haja uma só cruz. Esta pode estar aderida à parede do presbitério ou a cruz processional pode servir para este propósito, com uma base onde se coloca durante a celebração. Se já existe uma cruz no presbitério, a cruz processional se localiza na sacristia, ou num lugar não visível do presbitério, para assegurar que haja uma só cruz.

Depois do símbolo primordial da cruz, pode que haja também imagens dentro do presbitério. A imagem deve ser escolhida para ser parte integral do edifício da celebração litúrgica para contribuir à ação. Junto com a meditação da palavra e os cantos litúrgicos, a imagem forma parte da celebração para ajudar os fiéis primeiro, a gravar em sua memória o mistério e depois, a expressá-lo em suas vidas. Os requisitos do uso das imagens são:

- 1) Tenha-se cuidado de que não se apresentem em número excessivo;
- 2) Que em sua disposição haja uma justa ordem;
- 3) Que não distraiam a atenção dos fiéis durante a celebração;
- 4) Que não haja mais de uma imagem do mesmo santo;
- 5) Que ajudem à autêntica piedade de toda a comunidade.

(d) O Altar

O altar é o centro da Igreja. É a cruz do Senhor (cf. Heb. 13,10) é o lugar onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais. Neste sentido, o altar pode ser descrito como a ara do sacrifício¹³, porém ao mesmo tempo, é mesa do Senhor, a que o povo de Deus é convidado. É o centro da ação de graças realizado na celebração eucarística.

¹³ **Ara** (lat. class.), origem da palavra Altar, plataforma semelhante a uma mesa constituída por uma rocha, elevação ou outra estrutura que possibilite ao sacerdote, líder ou mentor espiritual, sacrificar à divindade, ou divindades, em um templo religioso ou local sagrado. (N.A)

Nota-se a importância do altar pelas ações e gestos de honra que se lhe deve na celebração. O altar se consagra pelo bispo, antes de usá-lo, com o Santo Crisma. Na celebração eucarística, o altar recebe uma inclinação profunda ao entrar os ministros em procissão. Depois os ministros beijam o altar, em particular o celebrante principal e os diáconos que o acompanham. Ao se usar incenso o altar é incensado no começo da missa junto com a cruz.

Tudo isto indica a realidade deste centro primordial, o altar, que de fato não se considera como um móvel, mas sim símbolo. Quando se trata do altar, se refere ao símbolo e ao espaço que o encerra. Este espaço deve ser próprio, em outras palavras, nenhum outro objeto deve estar tão próximo do altar que diminua sua importância. Por isso, tem que evitar por pedestais com flores muito próximas do altar, porque podem ser obstáculos à visibilidade e distrair a atenção dos símbolos do pão e do vinho sobre o altar. As flores se usam para destacar o altar e não para encobri-lo. É sumamente importante não colocar o ambão muito perto do altar, de tal modo que não permita a passagem de uma pessoa entre os dois, falha encontrada em muitos lugares. Esta prática é uma falta de respeito devido ao espaço de ambos. Finalmente, o altar recebe veneração tanto fora como dentro da celebração, em outras palavras, não se descansa os braços, nem papéis, nem livros (exceto missal, lecionário, etc.), encima do altar por respeito, e menos ainda, materiais de limpeza durante o asseio do presbitério. Por ser símbolo e não móvel, o altar merece respeito em todo momento. Não como se fosse algo mágico, que não se possa tocar, mas sim, como símbolo.

(e) O Ambão

Percebe-se a dinâmica e o poder da palavra na vida da comunidade, em uma descrição pitoresca do livro de Neemias 8,1-12, onde todo o povo se congregou para escutar a proclamação da palavra, pelo escriba Esdras. Esdras leu o livro da lei de Moisés em um estrado de madeira, especialmente preparado na praça, para o evento. Quando Esdras abriu o livro, todo o povo pôs-se de pé. Quando pronunciou uma bênção do Senhor, o povo todo ergueu as mãos respondendo "Amém. Amém", depois se inclinou e se prostrou com o rosto em terra ante o

Senhor. Escutaram atentamente a Palavra e sua explicação. Choraram ao escutar a Palavra da Lei. Exortados por Esdras, após a leitura, foram comer e beber enviando porções a quem não tinha preparado, e organizaram uma festa.

Como se pode notar, prepararam um estrado para a proclamação da lei, para assegurar que todos podiam ouvir e ver Esdras. Este espaço especial para a proclamação da Palavra se conhece hoje como o **ambão**. É um lugar prático, sustenta o lecionário e, assim como o altar, é um lugar simbólico, o lugar dedicado exclusivamente para a Palavra de Deus.

A importância do espaço da proclamação da Palavra exige que seja único, deve haver um só ambão. O Atril ou Estante para o comentarista seja mais simples e que não faça concorrência com o ambão, nem em estilo nem no material, e que não esteja localizado em contraposição (simetricamente) com o ambão.

Seu propósito não é meramente funcional, mas simbólico. Por ser mesa da Palavra, muito relacionado com o altar, mesa do corpo do Cristo, se requer uma harmonia entre o altar e o ambão. E o desenho do lugar da palavra deve-se habilitar com o mesmo esmero artístico que o altar. Sua ornamentação deve ser festiva e ajudar a destacar o lugar da Palavra com beleza. O ambão não deve ser um lugar onde se guarda livros, papéis, etc.

Pede-se que seja um lugar fixo, pois o uso de uma estante, muitas vezes de construção inadequada e não artística, não expressa sua verdadeira importância. Isto quando é removido depois da celebração, ou pior ainda, quando treme facilmente durante a proclamação. Há algumas vezes que o ambão é usado por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, e por isso pode ser um móvel de suficiente tamanho, para responder a esta necessidade. O simbolismo do lugar da palavra deve estar presente também antes e depois da celebração.

Na localização do ambão tem que se prever não somente que os fiéis possam escutar o leitor, mas também lhe dar sua atenção visual. Para conseguir isto, é preciso assegurar a adequada elevação do degrau ou pela construção do mesmo ambão. A altura se mede de acordo a cada lugar,

deve ser visível por todos, mas não tão alto que seja imponente como os púlpitos dos anos passados.

O ambão deve ser reservado para leituras e homilia. Deve-se evitar o uso do ambão para as comentários, avisos, direção de cantos ou as orações presidenciais como acontece em alguns lugares.

4. O espaço para o batismo.

(a) A fonte e a pia batismal

É pelo sacramento do Batismo que o cristão entra na vida de Deus e da Igreja, a comunidade de fé, o Corpo de Cristo. A Igreja o chama de porta da vida e do Reino. A água do batismo permite ao ser humano entrar no mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Como diz S. Paulo aos Romanos: *"Pelo batismo, fomos sepultados junto com Cristo para participar de sua morte e assim como Cristo ressuscitou, também nós fomos ressuscitados em uma vida nova"* (Rom. 6,4). A água do batismo regenera o batizado, tornando-o filho de Deus.

Cristo mandou aos apóstolos: *"vão e façam que todos os povos sejam Meus discípulos. Batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"* (Mt. 28.19). Jesus mesmo participou no batismo de João no rio Jordão (Mt. 3,13-17). A comunidade nascente em obediência ao mandato do Senhor, batiza os seus, inicialmente em qualquer lugar onde havia água corrente e limpa. O batismo se praticava por imersão ou infusão, imergindo o corpo completo do batizado com água. Quando se começou a batizar candidatos completamente desnudos para simbolizar a renúncia do homem velho no despojar-se das vestes para poder, depois do batismo, revestir-se do homem novo, o novo Adão, pela veste branca, se fez necessário um lugar para proteger a pessoa. Os primeiros batistérios eram quartos separados do espaço da assembleia, ou edifício separados, dedicados unicamente para o sacramento do batismo. O edifício era construído geralmente em forma octogonal, para simbolizar o oitavo dia, o dia da ressurreição final. A piscina, no centro do edifício em forma de cruz,

onde havia degraus de um lado, baixando para dentro da água para simbolizar a morte, e degraus subindo para o outro lado, para a Ressurreição.

No princípio era comum batizar muitas vezes a família completa, junto com todos os filhos, incluindo os recém-nascidos. Depois de séculos, quando o mundo era marcado pelo cristianismo e a maioria dos adultos já eram batizados, a prática mudou, passando a se batizar os novos membros da comunidade: os recém-nascidos. Gradualmente o poder do sinal começa a diminuir, e como resultado de conveniência e a discussão do mínimo necessário para a eficácia do sacramento, se começou a prática da infusão, o derramamento de um pouco de água sobre a cabeça do recém-nascido.

A consagração do povo de Deus começa pelo batismo; por isso, a igreja deve ter um lugar para a celebração do Batismo (batistério) e fazer com que o povo lembre as promessas feitas na celebração do Batismo. O persignar-se com água benta faz lembrar o Batismo.

A pia batismal pode ser localizada na entrada da igreja, para que seja também a pia de água benta, ou ao lado da assembleia, em uma capela a parte da nave ou relacionada de alguma maneira com o altar. É preferível que a pia não esteja localizada dentro do presbitério, ou na frente, mas sim, de um lado.

O batistério mantém uma capacidade significativa ainda que não se esteja utilizando. Após o tempo de Páscoa, o círio pascal se localiza perto da pia batismal. Também há que se acrescentar que se permite uma pia móvel, dentro do presbitério, que será retirada depois da celebração.

5. Capela do Santíssimo Sacramento

É muito recomendável que os fiéis recebem o Corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma missa, para que, também através dos sinais, a comunhão se manifeste mais claramente como participação do sacrifício celebrado.

Isto se pede, para evitar que se use o sacrário, como um lugar para reservar grandes quantidades para uso na missa, consagrando muitas vezes somente o pão do presidente, indo para o sacrário para buscar a comunhão para os fiéis. O ideal é que vá ao sacrário somente para guardar o que sobrou, depois da comunhão e não para buscar a Eucaristia.

Se possível, e também conforme a fé e o costume local, convém que o lugar em que se guarde a Eucaristia seja ao mesmo tempo apto para a oração privada, o que se convencionou chamar de Capela do Santíssimo Sacramento.

Toda esta legislação se baseia nas razões tradicionais para a reserva da Eucaristia. Primeiro se reserva especialmente para o viático e a comunhão dos enfermos, e segundo, para a adoração dos fiéis.

Este lugar de reserva do Santíssimo, em uma capela separada, ou mesmo no sacrário em um lado do presbitério, ou ainda no altar, para aqueles que celebram *Versus Deum*, deve ser um lugar verdadeiramente destacado por sua ornamentação e localização.

O tabernáculo do Santíssimo Sacramento deve ser de material sólido e permanecer fixo no lugar onde esteja colocado. A chave não deve deixar-se exposta ou colocada na porta do tabernáculo.

Diante do sacrário, em que está reservada a santíssima Eucaristia, deve haver uma luz constantemente, uma lâmpada especial, com a que se indique e honre a presença do Cristo. Esta lâmpada deve ser, dentro do possível, uma luz natural de cera ou azeite, porém pode-se utilizar uma luz elétrica quando haja perigo de incêndio. Neste caso em particular, recomenda-se evitar por completo as lâmpadas que imitam uma chama de fogo. Se vamos utilizar uma lâmpada elétrica, a autenticidade pede que pareça uma lâmpada e que não pretenda ser uma coisa que não é. Qualquer outro elemento que possa encontrar-se na capela da reserva deve ser secundário e não contribuir a chamar à atenção ao primordial que é o tabernáculo onde se encontra o Santíssimo. Se há imagens, que não distraiam da presença real.



DICIONÁRIO LITÚRGICO.

1. Definições Importantes.

Algumas definições são fundamentais, principalmente para diferenciar a liturgia “Brasileira” da liturgia “Romana”, transcrevemos a seguir alguns trechos do Estatuto da ICAB, e recomendamos vivamente a leitura completa do referido estatuto, bem como do Código Eclesiástico da ICAB¹⁴.

Governo Central - O Governo Central, com autoridade em todo o território nacional, é formado pelo Concílio Nacional (CN), pelo Conselho Episcopal (CE); pelo Superior Tribunal Eclesiástico (STE) e pelo Conselho Fiscal (CF)¹⁵.

Concílio Nacional - O Concílio Nacional é o órgão episcopal legislativo, representativo, deliberativo, diretivo, soberano e máximo da ICAB¹⁶.

Funções e atribuições do Concílio - Cabe ao Concílio Nacional, dispor sobre todas as matérias de competência do Governo Central, especialmente sobre¹⁷:

¹⁴ Vide anexos ao final deste livro.

¹⁵ Art. 35.

¹⁶ Art. 36.

- a. Dirimir as questões doutrinárias relativas à fé católica e apostólica;
- b. Alterar no todo ou em parte o presente Estatuto bem como estabelecer normas para o estatuto das Dioceses;
- c. Aprovar e alterar o *CEIB*¹⁸;
- d. Eleger o CE; o STE e o CF;
- e. Destituir os membros do CE; do STE e do CF;
- f. Autorizar a criação, fusão e extinção de Dioceses, delimitando sua área territorial;
- g. Julgar recursos interpostos contra decisões do STE e do CE;
- h. Receber o processo de escolha de bispos, devidamente instruídos pelos Bispos Regionais, aprová-los ou não e proceder à expedição do mandato apostólico para a sua sagração;
- i. Aplicar, em instância final, em grau de recurso, as penalidades previstas no *CEIB*;
- j. Destituir, afastar ou suspender Bispos de suas funções, após o devido julgamento, durante o qual fica assegurado o direito de ampla defesa;
- k. Aprovar os relatórios do CE e o Plano de Pastoral da ICAB;
- l. Estabelecer rituais litúrgicos para serem obrigatoriamente seguidos nas Dioceses;
- m. Promover em todo o território Nacional a unidade, o crescimento e fortalecimento da ICAB;
- n. Deliberar sobre todas as questões de interesse da ICAB, fixar normas e procedimentos.

Reuniões do Concílio - O Concílio Nacional, que é a Assembleia Geral da ICAB, reunir-se-á, ordinariamente a cada dois (dois) anos e extraordinariamente sempre que convocado por 1/5 (um quinto) de

¹⁷ Art. 37.

¹⁸ Código Eclesiástico da Igreja Brasileira.

seus membros ou pelo Conselheiro Presidente¹⁹. Convém ressaltar que os Concílios Nacionais se realizam nos anos ímpares, enquanto nos anos pares realizam-se os Concílios Regionais²⁰.

Membros do Concílio - São membros do Concílio Nacional²¹:

- I. Natos: todos os Bispos Diocesanos, Coadjutores e Auxiliares;
- II. Eleitos: os Sacerdotes e Bispos que sejam Administradores Diocesanos.

Resoluções Conciliares - São todas as grandes decisões dos Concílios, equivalem as Constituições Romanas.

Definições Conciliares - É uma resolução que tem força de LEI, e não trata de caso particular, como por exemplo, sobre o novo Missal, uma nova norma litúrgica, etc.

Decretos Conciliares - São equivalentes aos Decretos Romanos, emanados pelo Concílio.

Decretos Apostólicos - São os decretos emanados pela Presidência da Igreja, em nome do Concílio.

Decretos Episcopais - São os emanados por um bispo Diocesano.

Decretos Diocesanos – São raramente emitidos, pois são emanados pelo Vigário Geral, ou por um Bispo Auxiliar ou administrador diocesano em casos graves, na ausência ou impedimento do Diocesano,.

¹⁹ Art. 38.

²⁰ Art. 32 do CEIB.

²¹ Art. 38 § 5º.

Bula - É o documento mais solene da Igreja, define sobre culto, honras dos altares, sagrações, ordenações, etc. e é dada pelo Pres. da ICAB ou pelo bispo (normalmente o ordenante).

Breve - É um decreto, que se dá sem muitas delongas, ou seja, sem considerações preliminares (considerandos ...)

Cartas Apostólicas - São as equivalentes as encíclicas, escritas pela presidência da Igreja. Tais documentos, como os decretos de bispos e da presidência, levam os nomes das primeiras palavras do texto (conforme faz a Igreja Romana).

Mandato Apostólico - É o decreto de eleição do novo Bispo, sem o qual ninguém pode sagrar ou ser sagrado bispo.

Primaz - É o bispo diocesano da primeira diocese da ICAB, no Rio de Janeiro, é chamado PRIMAZ DA ICAB e não PRIMAZ DO BRASIL. O Primaz do Brasil é o de Salvador.

Catedral – O templo principal de uma Diocese é chamado de Igreja Catedral ou Sé Catedral, pois ali o Bispo Diocesano tem permanentemente a sua cátedra, constituindo-se como sua igreja por excelência.

Paróquias e Capelarias – As paróquias e capelarias são partes da Diocese em cujos limites esteja situado o seu local de culto. Uma paróquia poderá abranger parte de todo um município, ou mesmo vários municípios, e somente será instalada se houver ao menos um imóvel pertencente à Diocese ou a **ICAB**, seja como propriedade ou em comodato²². Não havendo imóvel próprio, será estabelecida uma capelaria, a qual poderá ser sufragânea da paróquia em cujo território esteja estabelecida, ou com

²² Art. 55 do CEIB.

independência própria, quando deverá ter diretoria paroquial e arquivo, conforme preceituado no CEIB.

Casa-Mãe - é a forma carinhosa de chamarmos a residência primacial. Diz-se do imóvel que compreende a igreja, a parte de escritórios e a casa propriamente dita, situada a Rua do Couto, 54, Penha. Rio de Janeiro. Local onde S. Carlos estabeleceu sua sede em 1945.

Interessante observar que a ICAB não foi fundada nesse endereço, mas sim a Rua Oto De Alencar nº 20. Rio de Janeiro. Aliás, não é também o primeiro templo construído especificamente para a ICAB, pois isto foi em Rio das Antas - SC, feito pelos paroquianos do Pe. Antídio José Vargas, para quando ele voltou sagrado bispo, em 08/12/1946. E o próprio templo atual já é o terceiro ali edificado e talvez não seja o último. Havia uma capela de duas portas, muito humilde que o então Pe. Olinto modificou, fazendo-o com uma porta e dando-lhe uma fachada de igreja. Com um pequeno campanário lateral. Posteriormente já sagrado bispo, fez a igreja e as obras ali existentes.

Chamamos de **casa-mãe**, por ser o ponto de união de todos, onde todo icabense é bem-vindo e ali se sente em casa. É mãe, por ser a casa que acolheu desde o fundador em 1945 até o último sacerdote ordenado há poucos minutos.

2. Principais termos utilizados em liturgia.

Acólito - do grego *Acólitos* - Pessoa ordenada ou não, que auxilia os ministros nas celebrações.

Ambão - Pequena tribuna, geralmente em madeira, de onde são lidos textos sagrados ou apresentada a homilia, nos templos religiosos.

Anamnese - Palavras de louvor - "Por Cristo, com Cristo e em Cristo..."

Alfaias - Toalhas e ornamentos do altar.

Altar - Mesa da celebração e do banquete.

Altar Mor - Altar principal, em que geralmente se conserva o Santíssimo Sacramento e se celebram os principais atos do culto.

Altar Lateral - Altar colocado na parede, capela ou nicho laterais.

Apóstolo - Palavra de origem grega que significa enviado. Eram os seguidores diretos de Jesus, enviados para propagar o cristianismo.

Assembleia ou Congregação - O grupo de fiéis reunidos em oração ou ação litúrgica.

Báculo - Bastão em forma de cajado usado pelo bispo como sinal de que ele é o pastor, representante de Cristo, o Bom Pastor, que guia as ovelhas, ou seja, os fiéis. Quando celebra, o bispo segura o báculo na entrada, durante a proclamação do Evangelho, na homilia e durante a oração do Creio ou profissão de fé. Nos outros momentos, fica na mão do coroinha ou acólito.

Baculífero - Ministro do báculo. Encarregado pelo báculo e também de conduzi-lo até o bispo.

Batistério - Local onde se administra o batismo.

Bíblia - Conjunto de livros da Palavra de Deus, formado pelo Antigo e Novo Testamento. A Liturgia celebra o que a Bíblia revela. O livro da Palavra de Deus está presente em todas as celebrações como sinal de amor de Deus comunicado aos homens. Pode ser levada em procissão na entrada, antes da aclamação do Evangelho e colocada no lugar de honra, na estante, entre duas velas acesas ou junto a um vaso de flores.

Bispo - Responsável pela administração de uma diocese, maior unidade territorial da igreja. É considerado sucessor dos apóstolos.

Cadeira presidencial - é aquela donde o bispo ou o presbítero presidem à celebração, quando não estão no altar, e na qual se sentam. Não confundir com Cátedra (ver adiante).

Campanário - Torre de sinos.

Canonizar - Processo de transformação de uma pessoa em santo.

Catecismo - Texto que transmite a doutrina católica.

Cátedra - A palavra «cátedra» aplica-se, sobretudo à cadeira do Bispo na sua igreja, que se chama «catedral» precisamente porque contém a cátedra do Bispo, como igreja-mãe de todas as outras da diocese. Também se diz da do abade, na sua igreja. A cátedra episcopal está ao fundo da abside, por detrás do altar. A partir dela, situada de modo que possa ver e ser visto pela sua comunidade, preside e prega o Bispo. Talvez seja o símbolo mais antigo do ministério episcopal, do seu magistério e da sua autoridade pastoral. Nela, normalmente, só toma lugar o Bispo do lugar, ou alguém a quem ele o conceda. Os outros, quando presidem à Eucaristia na igreja catedral, fazem-no de outra cadeira. Na ordenação de um bispo, se tem lugar na igreja catedral da sua diocese, um dos gestos mais expressivos da inauguração do seu ministério é a tomada de posse da sua cátedra.

Ceroférário – Que carrega os castiçais nas celebrações. São estes que ladeiam o cruciferário na imagem.

Círio Pascoal - Grande vela de cera que representa Cristo Ressuscitado. É aceso pela primeira vez na Vigília Pascal. Deve ser preparado com antecedência para estar bem visível o desenho da cruz, as letras Alfa e Ômega, primeira e última do alfabeto, que simbolizam Cristo, princípio e fim, e os números do ano, lembrando a história da salvação e o tempo decorrido desde a vinda de Cristo. Na cruz, são fixados cinco cravos, feitos de prego cobertos de cera misturada com incenso. Cada um deles representa uma das chagas de Jesus. O círio deve ser colocado próximo ao altar, durante o tempo de Páscoa, levado em procissão nas missas solenes e estar em destaque nas celebrações do batismo e crisma. É na chama do

círio que são acesas as velas dos batizados, para simbolizar nova vida de ressuscitados em Cristo.

Concílio - Reunião de bispos, de uma região ou de toda a igreja.

Coro - Ficava normalmente atrás ou diante do altar-mor. É o lugar dos cantores litúrgicos.

Conopeu - Véu que cobre o sacrário.

Credência – Pequena mesa de presbitério onde são colocados os livros, as galhetas, etc., para que não fiquem sobre o altar. Mesinha onde ficam depositados os objetos sacros usados durante o ofertório e após a comunhão na missa.

Cruciferário – Nas celebrações litúrgicas, é aquele que carrega a cruz processional. Sempre ladeado pelas velas.

Diácono - É uma pessoa ordenada para servir à comunidade. É um ministro que recebe um sacramento e tem funções próprias na liturgia, como proclamar o Evangelho, fazer sermão, proferir algumas orações em nome do povo e despedir a assembleia no final da celebração, quando o presidente é um sacerdote. Na falta de sacerdote, ele preside a celebração.

Diocese - Parte da igreja sobre a qual um bispo tem jurisdição. Em geral, tem caráter territorial, mas há dioceses pessoais, como de bispos de comunidades nacionais em países estrangeiros.

Doxologia - É a proclamação em que o presidente da celebração resume o conteúdo dos gestos e ritos que fez. Por exemplo, logo após a consagração, ele reza - "*Por Cristo, com Cristo e em Cristo. A Vós, ó Deus Pai onipotente, pertence e é dada toda honra e glória, em unidade com o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos*". Os fiéis respondem - "*Amém*".

Epiclese - Súplica invocando o Espírito Santo sobre as oferendas, pouco antes da consagração.

Epístola - Trecho da carta de algum apóstolo que a Igreja relembra para melhor vivência dos fiéis na missa e durante a semana.

Esmola - É o gesto que a Igreja pede a todo fiel como sinal de amor ao próximo. É dar sem interesse de reconhecimento ou recompensa. Especialmente no tempo da Quaresma, a esmola é sinal de conversão.

Estante – Pequeno móvel de madeira ou de metal sobre o qual se coloca o Missal, durante a Missa. É também substituída por uma almofada.

Espórtula - Quantia em dinheiro oferecida para manter as necessidades da celebração. Não é pagamento pelo sacramento, porque seu valor é ínfimo, não há preço que pague; nem é para substituir o dízimo, que tem outra finalidade.

Evangelho - Cada uma das narrativas da vida de Jesus que fazem parte do novo testamento.

Exposição do Santíssimo - Cerimônia litúrgica de adoração ao Cristo presente na eucaristia.

Faldistório - (do latim *faldistorium*) É um elegante assento originário da Idade Média que utilizam os bispos, ficando ao lado do altar-mor, em algumas funções como a administração dos sacramentos da confirmação, ordenações, etc. Também tem um uso civil como assento de dignidade usando-se neste caso como cadeira do rei ou de uma figura nobre. É um assento sem espaldar, com quatro pilares pequenos nos cantos e os pés em forma de tesoura.

Festa - A celebração cristã tem sempre sentido de festa, porque nela os fiéis se reúnem com alegria para atualizar, lembrar e comemorar a presença de Cristo em sua vida, até que se realize a promessa de um encontro definitivo. A festa se expressa pelos sinais da luz, canto, música, aleluia, flores e velas acesas.

Fiel - Toda pessoa batizada. Aquele que professa a fé em Jesus Cristo ressuscitado e participa da Igreja. O conjunto de fiéis que celebram a liturgia se chama assembleia. O conjunto de todos os fiéis, vivos ou falecidos, se chama Igreja. Na liturgia as fiéis manifestam a sua fé através de gestos, sinais, respostas e cantos. Na vida os fiéis manifestam a sua fé vivendo o seguimento de Jesus e cumprindo o seu mandamento de amar ao próximo.

Fogo - Sinal de luz, calor, purificação e amor. É símbolo de Cristo, representado no círio, aceso no fogo da celebração da Vigília Pascal. É símbolo do amor de Deus, o Espírito Santo, porque foi em forma de línguas de fogo que desceu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes (At 2). Normalmente está presente nas celebrações através da chama das velas e da lamparina acesa junto ao sacrário.

Galhetas – Vasos normalmente de vidro ou metal, onde são colocados o vinho e a água usados na missa.

Genuflexão - Gestos de dobrar um dos joelhos, ao entrar na igreja ou diante do sacrário e do Santíssimo. Pode ser substituído por uma reverência quando se está em procissão.

Genuflexório – Banquinho para se ajoelhar.

Gestos - Os gestos são a linguagem do corpo. Mesmo sem falar, nossos gestos demonstram o que pensamos e sentimos. Os principais gestos da celebração são - o sinal da cruz, o beijo do sacerdote no altar, andar em procissão, bater palmas, ajoelhar, inclinar a cabeça, fazer reverência, ficar de pé, sentar e ouvir com atenção, dar as mãos, elevar as mãos, dar o abraço da paz e abençoar.

Glória - É um louvor às três pessoas da Santíssima Trindade cantado ou recitado, depois do ato penitencial, nas Missas de domingo e solenidades. No tempo de Advento e Quaresma não se reza o Glória.

Homilia - É a explicação da Palavra de Deus, especialmente do Evangelho, com o objetivo de relacionar o texto com a vida dos fiéis. O ministro da celebração traz a mensagem da Palavra para a vida da

comunidade, convidando os fiéis para praticar o que propõe. Deve relacionar-se com o assunto e a mensagem do Evangelho e com o motivo da celebração, conforme a realidade da assembleia. Sermão, pregação que o padre faz durante a missa.

Hóstia Magna – Pão sem fermento usado pelo padre na celebração da Missa.

Imposição das mãos - É o gesto de bênção. É próprio apenas do bispo impor as mãos sobre a cabeça dos fiéis; é o gesto de consagração, nos sacramentos da Ordem e Crisma. O sacerdote impõe as mãos sobre pessoas ou objetos nas bênções que preside.

Incenso – Resina perfumada que se coloca no turíbulo com brasas. Sinal de festa e oração. É um perfume que sobe com a fumaça produzida por pequenos grãos colocados sobre brasas no turíbulo. Os grãos são feitos de uma goma perfumada extraída de árvores. Aquecidos pelas brasas do turíbulo, exalam suave perfume que subirá ao ar, como a oração dos fiéis sobe até Deus. Durante a celebração, o presidente retira uma porção de incenso da naveta e a coloca no turíbulo. Nas Missas solenes são incensados o altar, o Santíssimo, o Evangelho e a assembleia.

Jejum - É um gesto de penitência. Representa que o homem está livre das coisas materiais e quer se converter a Deus, deixando de comer ou beber durante certo tempo, como fez Jesus. Na Quaresma a Igreja pede que se faça jejum na Quarta-feira de Cinzas e na Sexta-feira Santa, conforme o quarto mandamento da Igreja. Além desses dias, a pessoa pode fazer jejum em qualquer dia do ano, por um tempo que não prejudique a saúde, sempre tendo em conta o que Jesus disse a respeito dessa prática (Mt 5,16 ss). Para comungar, é preciso estar em jejum pelo menos uma hora antes da comunhão.

Joelhos - O gesto de dobrar os joelhos ou permanecer de joelhos é sinal de adoração, humildade e penitência.

Lâmpada do Santíssimo - É o sinal da presença de Cristo. Deve estar acesa sempre que houver hóstia consagrada no sacrário. Pode ser usada uma vela, chamada óleo ou mesmo lâmpada elétrica.

Lava-pés - Celebração realizada na solene celebração eucarística da Quinta-feira Santa, à tarde ou à noite, em que doze pessoas são escolhidas na comunidade para representar os doze apóstolos na última ceia de Cristo, quando instituiu a eucaristia e o sacerdócio. É um gesto de humildade do ministro, bispo ou sacerdote, e disposição de todos para seguir o exemplo de Jesus.

Lavabo – Parte da missa em que o sacerdote lava as mãos.

Lecionário – Livro com as leituras bíblicas da missa.

Leitura - Cada celebração tem suas leituras próprias, tiradas da Bíblia. São as Palavras de Deus. O lecionário e o diretório litúrgico indicam quais as leituras aconselhadas ou determinadas para cada dia ou ocasião. Em celebrações especiais podem ser escolhidos outros textos da Palavra, não estabelecidos para o dia, mas que se relacionarem diretamente com o assunto da celebração e a realidade da assembleia.

Libriferro - Encarregado pelo Missal e outros livros durante a celebração. Fica também encarregado de conduzi-los ao celebrante.

Liturgia - Ação sagrada da Igreja, pela qual os fiéis glorificam a Deus e são santificados por ele, em Cristo, através de ritos sensíveis. A missa ou celebração da Eucaristia é o ponto alto da liturgia.

Luneta – Parte do ostensório, em forma de meia-lua, na qual se coloca a Hóstia Magna.

Luz - Sinal de alegria e festa que se expressa no círio e nas velas.

Manustérgio – Pequena toalha usada no lavabo. Geralmente é parecido com o sanguíneo, diferenciado por ter uma cruz numa das extremidades.

Matraca - Utilizada como a sineta em algumas ocasiões.

Mitrífero - Encarregado pela mitra e de levá-la ao bispo.

Missa - Celebração do sacramento da Eucaristia. Foi chamada desde o início pelos primeiros cristão de eucaristia, fração do pão ou ceia do Senhor. Quando a celebração era em latim, o sacerdote despedia-se dos fiéis dizendo "Ite, missa est", que quer dizer - "Ide, enviados" ou "Ide, a missão foi dada". O ministro despede os fiéis e os envia a realizar a missão que recebemos. Aquilo que Cristo nos propõe no Evangelho devemos realizar no mundo - testemunhar o Seu amor.

Missal – Livro usado durante a missa, pelo padre, onde estão as partes fixas, as orações dos diversos tempos litúrgicos. Livro que contém as orações e leituras e a fórmula das missas para cada dia e cada domingo do ano.

Música - A oração pode ser rezada ou cantada, com música. Esta deve ajudar a assembleia a unir-se a Deus na oração. Por isso é importante ouvir a voz do povo que canta, e não só o som dos instrumentos. A melodia e a letra devem estar de acordo com a celebração e o tempo litúrgico, evitando músicas populares, não litúrgicas. Algumas músicas, mesmo religiosas, não se prestam para a celebração eucarística. Outras, muito bonitas, com melodia agradável, têm uma letra que fala de ideias contrárias ao Evangelho e à fé, logo, não podem ser usadas nas celebrações.

Nave - Corpo da igreja, onde ficam os fiéis durante a celebração. A nave pode ser central ou lateral.

Naveta - Pequeno recipiente, originalmente em forma de barca, onde se coloca o incenso.

Naveteiro – Pessoa encarregada da naveta na celebração.

Novena - Nove dias de oração que preparam um acontecimento ou festa que vai ser celebrada. É um jeito popular de rezar, especialmente para fazer um pedido, alcançar uma graça. A catequese deve ajudar as pessoas a compreender que a novena tem o sentido de favorecer a conversão, e não tem por objetivo conquistar um favor de Deus ou de um santo, como se fosse uma troca, um comércio.

Ofertas - É o que se leva para o altar para ser preparado e elevado a Deus junto com a oferta do próprio Cristo. Não pode faltar o pão (hóstias) e o vinho. Outros símbolos podem ser levados em procissão, enquanto a assembleia canta.

Pão - É símbolo de alimento e vida. Na Eucaristia é oferecido e consagrado, na forma de hóstia, transformando-se no corpo de Cristo. O pão usado é feito de farinha de trigo muito pura e sem fermento. A transformação do pão em corpo de Cristo tem o nome de transubstanciação.

Paramentos - São as roupas solenes, vestes usadas na celebração.

Paróquia - Divisão territorial da diocese sobre a qual um padre tem jurisdição.

Páscoa - Festa da ressurreição de Cristo. É a Eucaristia mais solene do ano litúrgico, sinal de vida nova, depois da conversão acontecida na Quaresma. É o tempo litúrgico que começa com a Vigília Pascal e se estende até o domingo de Pentecostes. Durante todo o tempo litúrgico da Páscoa, os paramentos devem ser brancos e o círio pascal deve ser mantido junto ao altar.

Patena - Serve de apoio para a hora da distribuição do Corpo de Cristo.

Penitência - Há três modos normais de fazer penitência - oração, jejum e esmola. O Advento e a Quaresma são tempos de penitência, simbolizada na cor roxa dos paramentos. As cinzas é sinal de penitência. Chama-se também penitência o sacramento da confissão ou perdão dos pecados.

Pentecostes - Festa que acontece 50 dias depois da Páscoa. Celebra a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos (At. 2). A cor dos paramentos é vermelha.

Presbitério - Lugar onde fica o altar, o presidente da celebração, ministros, leitores e coroinhas. Em geral é mais alto, separado por um ou mais degraus da parte da Igreja onde fica a assembleia.

Presidente - É o ministro que dirige a celebração, com funções próprias.

Procissão - Gesto de um grupo numeroso que anda em uma direção, em fila, rezando e cantando. Simboliza a caminhada do cristão em união com os irmãos em direção a Deus.

Proclamação - É o anúncio solene da Palavra de Deus.

Púlpito - Era reservado para pregação. Era geralmente de pedra. Ficava na nave principal da Igreja.

Quaresma - Tempo que dura quarenta dias e vai desde a quarta-feira de cinzas até a quarta-feira da Semana Santa. A cor dos paramentos é roxa, sinal de penitência e humildade. A penitência da Quaresma deve ajudar a conversão, que se faz pela prática da oração, jejum e esmola. No quarto domingo da Quaresma os paramentos podem ser de cor rosa, antecipando a alegria da ressurreição. Durante a Quaresma não se reza ou canta o Glória nem Aleluia.

Querigma - Primeiro anúncio da paixão e morte de Cristo por nossos pecados e de sua ressurreição como promessa de vida eterna. É o primeiro conteúdo da pregação dos apóstolos (1Cor 15,3 s; At. 2,22-24; At. 4,10) e também o conteúdo da evangelização que se aprofunda depois na catequese.

Ramos - Domingo em que começa a Semana Santa. Nele se celebra a entrada de Jesus em Jerusalém (Mc 11,1-10). Como lembrança daquele dia, os fiéis levam ramos bentos. Os ramos em geral são de folhas de palmeira. Nesse dia pode-se fazer uma procissão logo após a bênção dos ramos, antes da Missa. A cor do paramento é vermelha.

Resposta - Depois de ouvir a Palavra de Deus, os fiéis respondem, realizando-se, assim, um diálogo, a comunicação entre eles. Cada rito e celebração têm as respostas próprias, que devem expressar aquilo que querem significar - a fé em Jesus Cristo. A resposta mais significativa em toda celebração é "Amém", porque reúne numa palavra só muitas realidades.

Rito - É o conjunto de sinais, símbolos, gestos, palavras e tudo o que acontece na celebração a fim de expressar uma realidade que não se vê.

Rubrica - Anotações em vermelho, no missal, dando orientações práticas para a celebração.

Sacrário - Local onde ficam as âmbulas com as partículas consagradas. O mesmo que Tabernáculo.

Sacristão - Pessoa que tem a seu cargo o trato de uma Igreja; paramentos, alfaias e que prepara tudo para a celebração.

Sacristia - Sala anexa à Igreja, onde são guardados os paramentos e objetos religiosos.

Salmo - Oração tirada da Bíblia. Na missa pode ser recitado ou cantado. Chama-se salmo responsorial, porque é uma resposta à primeira leitura.

Santíssima Trindade - As três pessoas - Pai, Filho e Espírito Santo - do Deus único, segundo a doutrina cristã.

Sineta - Serve para alertar os fiéis em momentos específicos da celebração.

Teologia - Estudo racional dos dados da fé.

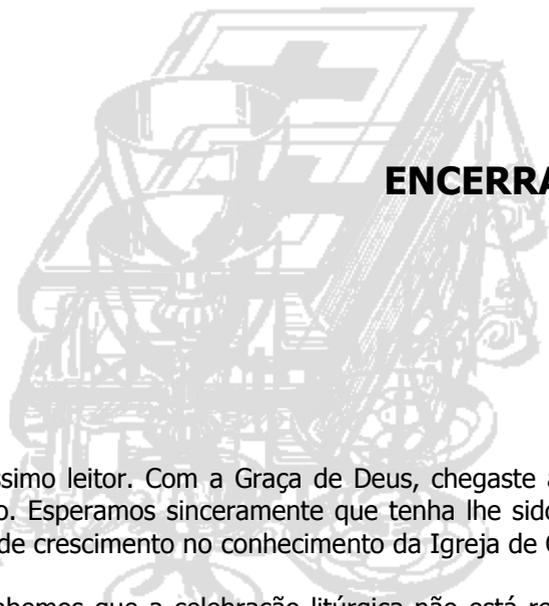
Turiferário - Encarregado do turíbulo, que coloca brasas e incensa.

Umbela - Espécie de sombrinha utilizada algumas vezes em procissões.

Vênia - Reverência – Inclinação com a cabeça em sinal de veneração.

Véu do Cálice - Serve para cobrir o cálice em algumas ocasiões.

Viático - Sacramento da eucaristia administrado ao enfermo para indicarlhe o caminho da fé, ou o do Cristo que segue o caminho (via) em busca do enfermo.



ENCERRAMENTO.

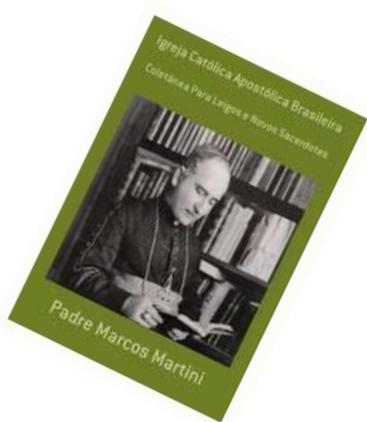
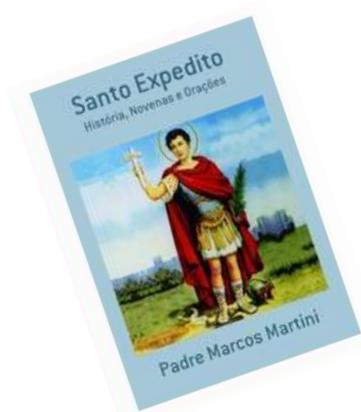
Caríssimo leitor. Com a Graça de Deus, chegaste ao final deste livro. Esperamos sinceramente que tenha lhe sido de valia, de aprendizado e de crescimento no conhecimento da Igreja de Cristo.

Bem sabemos que a celebração litúrgica não está resumida neste modesto trabalho, pois há muito mais que se estudar e principalmente que se aprender, pois a liturgia é uma ciência, mas também é uma arte. Bem celebrar não é somente seguir à risca o rito pré-estabelecido e suas rubricas, mas também dar de si e para si, pela comunidade que se preside ou para a qual se celebra.

Louvado seja Deus que nos permitiu elaborar este trabalho, tão cheio de falhas, mas também de boa vontade. Rogamos aos irmãos que a ele tiverem acesso que nos enviem correções e sugestões, para que as próximas edições possam ser melhoradas, buscando sempre a maior compreensão e preparo de todos aqueles que participam da Divina Liturgia no Altar, tanto leigos como integrantes do clero, pois cremos que quem conhece mais, deve celebrar melhor.

Pe. Marcos Martini.

Outras obras do mesmo autor



Informações para contato:

Endereço:

Rua Estanislau Cidral, 1385
Bairro Alto Alegre
Cascavel – Pr
CEP 85805-280

Telefones:

(45) 3037-7842
(45) 9144-1141 (Vivo)

E-mail:

padremartini@paroquiasantoexpedito.com

Skype:

Padremmartini

Facebook:

Padre ´ Marcos Martini

Compras on-line no site da Editora Clube dos Autores:
<https://clubedeautores.com.br/authors/54643>